



PRÊMIO  
CATARATAS  
DE

# Contos E Poesias 2015

## **POESIAS**

**A Lágrima da máscara**

**Amor cômodo**

**Bucólica**

**Ceguei**

**Como o vento**

**Confissão das flores**

**De como silenciar canções**

**Dueto instrumental**

**E agora Maria?**

**Lázaro, o cerrado e a profecia**

FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ - BRASIL

## “A LÁGRIMA DA MÁSCARA”

**Olímpio Coelho de Araújo**

Uma incômoda, dolorosa e impertinente lágrima  
Continua a marcar a minha sensível máscara,  
Borrando a pintura e deixando suas marcas tão visíveis  
Com os fortes sinais que tatuaram a minha alma,  
Provocados pelo bisturi do tempo de lâmina afiada.

Como um palhaço, um triste palhaço de cara pintada,  
Um palhaço de alma marcada, amplamente, torturada,  
Por dores sufocadas ao longo de tenebrosa estrada,  
Penosa estrada, que a vida moldou a ferro e fogo.  
Sinto-me um palhaço sem graça, um brinquedo do jogo.

O tempo fez dos meus olhos dois opacos faróis,  
Enfadados faróis de luzes cansadas quase apagadas,  
Mas, apesar de tudo, ainda faróis de tímido brilho  
O brilho que reflete o fim, o fim da jornada, enfim,  
Rompendo minha máscara e roubando-a de mim.

Quando a luz se esvaia na última fenda do meu olhar,  
Quando o último brilho se apagar, o breu, então, se fará.  
E aí a minha, até então, inseparável máscara me olhará  
De lá para cá, pois já não haverá mais olhar de cá para lá,  
Um novo ciclo recomeçará, com a máscara a me olha

## **AMOR CÔMODO**

**Cristian dos Santos**

Pairava sobre suas costas minha boca  
Há cinco milímetros do toque dos lábios  
Formava-se uma fina densa intensa  
Camada de ar quente  
Plásmico, lávico, lascivo, quase húmido –  
Ambíguo como usar H em úmido  
E ambíguo sem trema –  
O arrepio e o prazer  
Do encontro do outro  
– amor –  
Fome bicho de querer, medo bicho de perder  
Mais que cíclico, crescente espirilada  
Como a sensação de estar sempre em  
casa no seu corpo e ao mesmo tempo a certeza de  
encontrar sempre um novo cômodo.

## BUCÓLICA

**Paulo Sérgio Marques**

Alquímica maga do fogo,  
Árvore, massa de corte,  
Cinza tingida de ouro,  
Matéria de homem, mais nobre:

Folhas em tom verde-dólar,  
Tronco do agronecrócio  
– dourada pétala ególatra  
Em flor combustível e fóssil.

A chuva pouca, o rio pouco,  
O poço pouco, a lagoa pouca,  
O sol empoçado no olho,  
A soja empoçada na Bolsa,  
Um corpo que seca – só osso  
Suando no outro – só boca.

## **CHEGUEI...**

**Priscila de Lima Catão de Andrade**

Cheguei...

Lavei meu rosto na pia

Abri as janelas

Retirei minhas chinelas

Apaguei a luz

Vesti meu pijama

Arrumei minha cama

Deitei-me entre os lençóis

Dormi...

Cheguei...

Lavei minha alma no mar

Abri meu pensamento

Retirei os males com o vento

Apaguei a lua

Vesti meu dourado véu

Arrumei as estrelas do céu

Deitei-me entre as nuvens

Sonhei...

## COMO O VENTO

Eduardo Seino Viviurka

O vento é livre, mais livre que um pássaro.  
Mas é uma liberdade solitária, ao mesmo tempo em  
que está em todos os lugares, não está em nenhum.  
O vento não possui ninguém, assim como ninguém o possui.  
Se ele parar para esperar por alguém, ele deixará  
de existir – eis sua tragédia.  
Sua canção é solitária, como a de uma criança,  
De um forte, de uma musa.  
Parecido com todos igual a ninguém.

Mas para além de sua solidão, há sua solidariedade.  
O alívio que ele causa, assim como a arte.  
Pelos campos, com um toque balança as flores,  
Mas continua a soprar para seu destino.  
Com o tempo elas se estabilizam, mas o vento,  
O vento...

Continuará a carregar o perfume delas por toda a eternidade.  
Ser como o vento...

Isto não me deixa triste, pois aqueles que eu carrego no meu coração  
Não permitem que eu me sinta triste.  
Sê como o vento que viaja ao infinito,  
E se deixar de soprar, perderá sua natureza. O vento é livre,  
Mais livre que um pássaro.  
Mas é uma liberdade solitária,  
Ao mesmo tempo em que está em todos os lugares.

Não está em nenhum.

O vento não possui ninguém, assim como  
ninguém o possui. se ele parar para esperar por alguém,

Ele deixará de existir - eis sua tragédia.

Sua canção é solitária, como a de uma criança,

De um forte, de uma musa.

Parecido com todos e igual a ninguém.

Mas para além de sua solidão, há sua solidariedade.

O alívio que ele causa, assim como a arte.

Pelos campos, com um toque balança as flores,

Mas continua a soprar para seu destino.

Com o tempo elas se estabilizam,

Mas o vento,

O Vensto...

Continuará a carregar o perfume delas por toda a eternidade.

Ser como o vento...

Isto não me deixa triste, pois aqueles que eu  
carrego no meu coração não permitem que eu me sinta triste.

Se como o vento que viaja ao infinito,

E se deixar de soprar, perderá sua natureza.

## CONFISSÃO DAS FLORES

Carla Silva Araújo

As flores me disseram que este mundo não logo findará.  
Na ausência de êxito, caminharemos com os rostos cobertos de  
cetrino galgando  
aos passos do diabo. Petúnia disse-me tudo.  
Jamais mentiras para mim.  
Contou-me como nossos dedos putrefatos cairão ao  
julgamento do cândido. Dahlia também não me poupou de  
sentença divina, exonerados seremos do paraíso.  
Sem promessas de paz, presos neste mundo de concreto.  
Diga-me! O que eu hei de fazer perante tal lei?

Permitirás, Deus, que eu exista com consciência desta apatia?  
Ou vendarás meus olhos mais uma vez? Meus pés fincarão a liquidez?  
Se assim será então liquide-me logo. Se irás me privar de apreciar a  
harmonia das flores, efêmera, com esta perpetuação pueril,  
entregar-me-ei a refusão.

Mate-me Deus. Não me condenes a viver para reproduzir.  
Mate-me e feche meus olhos para que eu não  
possa depreciação a poesia.

Prefiro eterna escuridão a revogar aquilo que me mantém vivo.  
Encaminhe minha desafortunada alma ao reino de Hades.  
Arremessai minhas pobres palavras na boca do Ganges.  
Narciso, esconderei em suas pétalas os desejos  
que se enraizaram em minha garganta,  
pois amo só a ti, eterno egoísta.



**DE COMO SILENCIAR CANÇÕES**  
**Jacqueline Lopes Salgado Soares**

Tinha mãos de espinho porque destruíste as rosas. Eu, também rosa,  
Desabitei teu gesto, com o que restara de minhas asas de gelo.  
Tocamo-nos apenas no silêncio  
Por trás da tarde, levemente crivado  
De palpites acinzentados. As horas ficam.  
Curvam-se ágeis as palavras mortas, em um ou dois  
Bagaços da memória. Estrelas  
Se desdobram por baixo revirando minhas metáforas  
Todas repousando delicadas  
Por ironia da noite.

Cerro os olhos de dentro para não ver a espera.  
Por fora, sou um jardim atento.  
Verdades sobre ti  
Passam-morrem,  
Escoam et caeteramente  
Pelos olhos cúmplices do entorno.  
Eis-me na dor da hora suja. Eis-me  
Secreta, hermética, profunda, divagada  
Pela rosa muda que sonhei, em mim.

Movo-me cada vez mais distante dos teus riscos  
E o que vêes em mim, é o seu único Refúgio.  
Eu sei, é certo. Não faltarão simulacros  
De rosas outras  
A desdizer-me enquanto canção, nem outras mãos miúdas.  
Nem braços descruzados à despertar pássaros ferida abaixo.  
Nem rosas cantadas em silêncio. Silêncio  
Grande demais, para se habitar só em gestos.

## **DUETO INSTRUMENTAL**

**Jessica Santos Luz**

No palco intimista, eu e você, apenas  
a sós, entre tantas pessoas conhecidas,  
nossos olhares cruzados, entrelaçados,  
conectados.

Nossos corpos tensos,  
curvados sobre os instrumentos.  
Em teus dedos, a suavidade das cordas,  
em minhas mãos, a rigidez da percussão:  
Contrastantes, portanto, complementares.

Teu olhar me instiga, cativa, intriga, e  
tua música, improvisada, me testa, lúbrica,  
Mas não falho! Sigo-te, submeto-me,  
Acompanho-te, num ritmo perfeito.

Cada batida para cada acorde,  
Sem voz, sem erro, sem vácuo.  
E a cada nota intercalada com silêncio,  
Suspiros suspensos: notas que soam  
Como gemidos, melodia ao pé do ouvido.  
E naquele momento, alçado no tempo,  
Soube que não fazíamos música,  
Fazíamos amor, através do som.

**E AGORA MARIA?**  
**Mayco Ricardo da Silva**

E agora Maria?  
Sua doce agonia  
Sua utópica felicidade  
Sua cara de pau  
Sua falsa sinceridade  
Sua errada verdade  
E agora Maria?  
Cadê sua tia?  
Cadê seu amor?  
Cadê as pessoas?  
Onde está sua dor?  
Quer nadar no deserto  
Quer correr na piscina  
Quer dançar no velório  
Quer rir na tristeza

E agora Maria?  
Quer ir para sua casa  
Mas mora na rua  
Quer beijar seu marido  
Más mora sozinha  
Maria e Agora?  
Por que você não muda?  
Por que não foge pro Além?  
Por que não se tranca no quarto?  
Por que não se abraça?  
Por que não se mexe?  
Maria você não muda  
Maria você não tem jeito  
Maria você está perdida  
Maria Cadê seu José?  
Maria cadê você?

**LÁZARO, O CERRADO E A  
PROFECIA**

**Clúdio David Dangió**

Lázaro nasceu no cerrado  
O cerrado se fez em flor  
Ipês, copaíbas e faveiros  
Raízes e cipós entrelaçaram-no

E o cerrado nasceu em Lázaro  
Entre amigos bichos do campo  
Disputando frutas silvestres  
Gabiobas, marolos e cambuís

E assim aculturou-se  
Com músicas vindas da mata  
Sinfonias de aves e pássaros  
Sabiás, jacus e mutuns

Também se evangelizou  
Com estórias de assombração  
Saci, caipora e lobisomem  
Suas crenças e mitos

Nas campinas incandescentes  
Das noites de lua cheia  
O guará “uuuuuivava” em ritual  
E Lázaro tinha visões,

Dragões com chamas e fumaça  
Correntes mata adentro  
Arrancavam arbustos da Mãe  
E a profecia fez-se então

Em seu derradeiro suspiro  
Lázaro bradou:  
– Pai! Afasta de mim  
O gosto amargo do açúcar

Abraçado, morreu com o cerrado  
Seus amigos sem julgamento  
Queimados foram todos  
Das cinzas, a metamorfose verde

O progresso sentenciou:  
– Lázaro, levanta-te  
E deixa o canavial  
E assim cumpriu-se o veredito

Hoje, uma voz mansa e cansada  
Clama solitária no deserto:  
– Quero apenas um eito  
Um eito do cerrado.



**PRÊMIO  
CATARATAS  
DE**

# **Contos E Poesias 2015**

**CONTOS**

**Amor com raices**

**Ao sugo**

**Cenas**

**Itinerário**

**Jurema-da-rua-da-frente**

**Mientras el viento**

**O amolador de facas**

**O colecionador de pedras**

**O outro lado do cinema**

**Roupa íntima, amor felino**

**O tempo e o senhor da razão**

## **AMOR CON RAICES**

**Walter Gustavo Nuñez**

Los días eran fríos mientras en las mañanas la alegría tenía trinos y aromas, y la noche buscaba cobijarse en algún refugio cálido lejos del frío que persistía un tiempo más. Como entender que una vez más estaba solo, un brote de locura lo había puesto al alcance de una nueva historia que él no pretendía escribir, tan rápido fue que cuando entendió que estaba viviendo un romance, éste se terminó, “cosas de la vida” decía y depositaba el cigarrillo en el atestado cenicero y levantaba su vaso para empujar una vez más a la pena o bien podría ser para dar la bienvenida a una nueva emoción.

En los últimos años había aprendido a no complicarse demasiado con las relaciones, eso le daba una sensación de seguridad y supervivencia a prueba de toda partida, de todo dolor. Era feliz, sin mucho, entendió que no necesitaba demasiado para serlo, amaba su música, sus libros, sus plantas y amaba inventar cosas en su improvisado taller, donde casi todo era un fracaso pero valía la pena pasar horas en la alquimia casera esperando aparezcan de la nada algo que sea útil y quizás el invento revolucionario para salvar el mundo o para salvarse él.

Mediaba septiembre y en este mes él cambiaba sus plantas de lugar, pasaba horas armando masetas con botellas, con latas viejas y todo lo que podía reciclar, desde temprano, un domingo que lo encontró con ganas después de su mate, se entregaba completamente a su tarea.

Algo en el patio llamó su atención, era una semilla que estaba como acurrucada sobre la raíz de un viejo árbol, no se parecía a nada de lo que conocía, la levanto y observo por mucho tiempo, después preparo una maseta para su hallazgo y la rocío con bastante agua, “veremos en que te convertirás” dijo y continuo con su día.

A medida que el almanaque perdía hojas su planta comenzaba a aparecer, su brote era muy raro, grueso, muy grueso, y las dos primeras hojas que aparecieron eran carnosas, anchas y su color no llegaba a ser verde, parecía más bien amarillo, pálido y brillante amarillo. Crecía muy rápido, tanto que la tuvo que cambiar a la tierra, busco un lugar cerca de su taller, así no la perdía de vista y estaba junto a él; sin darse cuenta comenzaba una obsesión con su planta, a la que llamo Noelia, por un amor que nunca tuvo y que si quiso tener.

Del trabajo a la casa, sin más salidas, sin más borracheras en la ciudad, sin distracciones solo ir a trabajar y volver a su taller, cerca de su planta, pendiente de ella, como si fuera lo único en que pensar, como si no importara nada solo verla crecer. Estaba cada vez más robusta, sus hojas frondosas y su tallo a estas alturas era un tronco, pero su altura no pasaba el tamaño de una persona, tenía silueta, una muy definida, una curva tan pronunciada, como de la mujer muy carnosa, unos pechos muy marcados, prominentes bien curvos y lisos y se le marcaba la entre pierna, era una mujer.

Su vida cambio, ya no salía de su casa, prácticamente vivía aislado, sus trabajos en la ciudad se le terminaron, nadie lo llamaba más porque todo lo que comenzaba lo dejaba sin terminar, y su humor era pésimo, sus amigos casi que no lo soportaban y muy pocos podían

hablar con él, pues él no se preocupaba en escucharlos. Había llegado el mes más frío del año y su planta tenía todas las atenciones, para que no le alcance la helada, armo una especie de carpa de media sombra que la cubría por los lados y en la parte superior, y el único acceso quedaba frente a su taller, cada vez parecía más real, en la parte superior del tronco, donde nacían las ramas, donde se abultaban las frondosas hojas, se empezaba a notar como un rostro, era una cabeza bien formada, se le marcaba como pómulos, una barbilla bien detallada y las orejas comenzaban a aparecer. Era la mujer ideal, podía ponerle el rostro que quería, la nariz que esperaba, esos detalles que se completaban en su imaginación; él la acariciaba, la regaba y se pasaba horas hablándole, su obsesión fue a tal extremo que llegaba a desnudarse y su mente creía entender que así se comunicaban.

A las cinco de la tarde de un sábado, aun con el sol tímido del invierno de ese julio, mientras estaba en su rutina de amoríos con su planta, golpean a su puerta, tantas veces que la podrían derrumbar y nadie atendía, era Carlos, uno de los pocos amigos que todavía se preocupa por él. Al no tener respuestas, salto la reja que estaba sobre el lado izquierdo de la casa, la que daba al garaje, una vez en el terreno bordeo la casa hasta llegar al fondo, donde estaba el taller, se acerco lentamente y encontró a su amigo en un trance casi demencial frente a una planta que no tenía sentido, ¡ Manuel! Pronuncio casi con un grito de locura, ¿Manuel que estás haciendo, que locura es esa?, ni aun así parecía despertar de su mutismo, de su desenfrenado y perverso rito, hasta que Carlos lo tomo de los hombros y lo sacudió por unos segundos y después de mucho insistir Manuel volvió a la realidad.

Lo miro por un largo rato, y solo había una risa en su rostro, como que todo estaba bien, su cuerpo estaba desnudo y su color era tan pálido por el frío que parecía un cadáver, pero el reía y sin dejar de mirar a Carlos dijo con una voz apagada: ¿no la vez, es la mujer ideal, es lo que me devolvió la vida, acaso no la vez? Carlos saco su campera y cubrió a su amigo mientras intentaba ver a qué se refería cuando hablaba de una mujer.

¡Estás loco amigo, no puede ser!, ¿qué hiciste de tu vida, vamos, te voy a llevar a dentro, este frío te va a matar, por el amor de Dios que te paso en que pensás amigo?

Manuel se resistió y comenzaron a forcejear, y fue tal la demencia que poseía que salto sobre Carlos y lo tiro al suelo, alcanzo a tomar una piedra y golpeo su cabeza una y otra vez hasta destruir el cráneo y la sangre comenzó a fluir como un tibio manantial que era absorbido por las raíces de su planta.

Manuel no se rescataba de su locura, un ataque de risas parecía retumbar multiplicado por todo el taller, repetía una y otra vez: ¡viste, viste lo que hiciste, no tenias que haber entrado a mi casa!

Toda la sangre fue succionada del cuerpo, en pocos segundos estaba seco, como una rama muerta, exprimida como una naranja, solo un pedazo de carne y huesos totalmente seco.

Por unos minutos Manuel quedo sentado junto al cadáver de su amigo, pero no dejaba de mirar a su planta, ahora parecía más humana, la textura de sus ramas, de tu tronco de sus hojas, toda la planta parecía cubierta de piel, su color era como la de una mujer adolescente, suave y rosada. Parecía no tener sentimientos de culpa, no tardo mucho en enterrar el cuerpo, la mirada fija en su mujer planta, y sus manos recorriendo la nueva piel que la envolvía, la beso, y prometió darle más sangre. La noche llego y se durmió desnudo abrazado a Noelia.

En los días siguientes comenzó su obra macabra, recorría las calles buscando victimas para sacarle la sangre, cazaba mujeres solitarias, había inventado una jeringa inmensa con la cual succionaba hasta la última gota. Tiraba los cuerpos al río y por noche mataba por lo menos dos mujeres, corría hasta su casa y rociaba su preciado tesoro a la mujer planta, de forma inmediata su color y textura cambiaba, el problema era que no duraba mucho, la transición alcanzaba los quince minutos y de nuevo era una planta. Pasaron varias semanas diría meses quizás, fueron muchas muertes, ya no solo mujeres, fueron hombres y niños, aparecían flotando cuerpos secos en el río, la ciudad estaba conmocionada, nadie veía nada, nadie sospechaba, el terror caminaba solitario en las noches y los cuerpos no tenían marcas y vestigios de nada, sus crímenes eran perfectos, calculados y limpios, no perdía una gota de sangre, era un frio asesino.

Pero su planta no se transformaba del todo, duraba poco y las noches eran húmedas y frías, su ritual de amor lo estaba matando, sus pulmones estaban enfermos y su cuerpo era ya muy delgado. Una noche en la que estaba esperando aparezca una víctima, se le presento una hermosa mujer quien estaba algo ebria y parecía conocerlo de otras épocas, se sentó a su lado y comenzaron a hablar. Al pasar las horas, Manuel estaba tan aturdido con el alcohol que busco besarla, y no tuvo resistencia, se besaron largamente y la invito a ir a su casa.

Una vez allí, lo primero que hizo fue llevarla a tu planta, la mujer estaba impresionada con lo que veía, pero lo que más la impresiono fue que al llegar al fondo del taller Manuel hablaba con la planta, como si existieran respuestas de la misma, él tenía un dialogo que parecía ser sin dudas de un demente repetía varias veces: ¡no mi amor, no te pongas celosa, es una amiga! ¡No! ¡No me pidas eso por favor! ¡Está bien, si es tu deseo, lo haré!

En ese momento se dio vuelta y sus ojos estaban rojos, llenos de sangre, su locura asustaba y la mujer quiso correr, pero él fue más rápido, la tomo de los pelos y la arrojó junto a la planta, sus gritos se ahogaban con la presión en el cuello, Manuel reía y repetía una y otra vez: ¡lo siento pero Noelia quiere tu sangre, lo siento, lo siento! Saco una navaja de su bolsillo y con un solo corte casi quirúrgico abrió el cuello la muerte fluyo roja, y la vida se escurrió como un río tibio hacia las raíces, y el cuerpo se seco, era absorbido rápidamente por la planta que estiraba sus raíces como dedos y se prendían al cuerpo. Comenzaba la vida la planta ahora era mujer y tenía rostro y hablaba, y sus ramas eran brazos y los estiro para que Manuel se refugie en ellos. Por fin mi amor, por fin te puedo ver como sos, ahora



entiendo cómo deben ser los sacrificios para concebir tu vida, ahora se cómo debo matar para que vivas. Si amor, contesto Noelia, la planta mujer, ahora más mujer que nunca, si amor, ven hazme el amor como si fuera la última vez.

Manuel se despoja de sus ropas, se acerca lentamente y comienza con besos en las ramas, ahora brazos, continua con el tronco, ahora pechos, abdomen, cintura, sexo. La recorre y la envuelve con sus brazos, se ubica frente a ella y la besa en sus ahora labios y la penetra en su ahora sexo y grita y gime y respira y suspira y goza y nada más, se va su vida, su sangre, cada suspiro se apaga en el abrazo.

En la casa de Manuel no vive nadie y nadie va nunca, a la casa de Manuel.

## AO SUGO

### Francisco Falabella Rocha

Joana julgava que eu colocava muito azeite na comida. Não dizia nada, mas, pelo seu olhar, eu percebia. Não que todas as nossas brigas fossem por causa do azeite. Havia também os tomates, a azeitona, o alho, o manjeriço, a cebola e a pitada de cominho. Esses eram os ingredientes da receita do seu tradicional molho vermelho ao sugo, que ela fazia aos montes e estocava na geladeira. Joana dizia que a receita original vinha direto da Itália, magistralmente preparada pela vovó Nina.

Eu partia o tomate em longos pedaços, como ela havia pedido, mas nunca parecia certo. Ela achava que eu não notava, mas, pelo reflexo da janela, eu via Joana pegar o prato com os tomates, virar o corpo e secretamente partir do seu jeito. Antes de jogá-los na panela, ela adicionava a pitada secreta de açúcar.

O manjeriço tinha que ser lavados duas vezes. Joana fiscalizava rigorosamente e exigia dedicação a cada folhinha. Ela falava que era nessas pequenas coisas que estava o sabor. Era o que a vovó Nina dizia. Eu me irritava. Era um trabalho chato, tedioso e inglório.

- Por que então sua vó não vem aqui separar e lavar o manjeriço?
- Respeite a vovó Nina! – ela dizia irritada e saía da cozinha resmungando algo em italiano.

Eu continuava a lavar o manjeriço. Joana ganhava todo o crédito, mas quem carregava o piano naquela cozinha era eu. Ela não partia, comprava ou limpava nada. Apenas trabalhava com os ingredientes todos à mão, como se vivesse dentro do seu próprio programa de culinária. Eu era o seu fiel ajudante, cujo nome não era lembrado. Aquilo me irritava.

- Por que só eu parto o alho nessa casa? Todo dia, eu parto esse maldito alho! Há mais de dois meses a minha mão fede a alho!

Ela, por sua vez, justificava-se:

- Já estou fazendo o almoço.

O que seria o almoço? Macarronada mais uma vez. Joana levava a sério a sua origem italiana. Capelete, ravióli, canelone, nhoque, rigatone, *rondeli*, lasanha, macarrão. Resumindo: Massas com molho vermelho ao sugo. Era tudo o que comíamos.

Não quero ser injusto com a grande *chef* italiana Joana e nem mesmo com a vovó Nina. A comida era deliciosa, rica em afeto e sabor. Mas foram nove meses seguidos sem nenhuma variação. No final desse tempo, eu já estava enjoado. Sentia falta do arroz com feijão. Sentia falta de um bife. Um grande e suculento bife. Ou mesmo um bife duro, frio, com gosto de borracha... qualquer bife.

Joana era vegetariana praticante. Não só não comia nenhum tipo de carne como, por horas do dia, dava lições de moral sobre como era errado sacrificar os pobrezinhos dos animais indefesos. No início, eu fui com a ideia. Uma hora ou outra, quando ela não estava por perto, eu burlava o combinado.

- Você andou comendo bacon? – Joana me perguntava desconfiada.

O faro dela era impressionante. Mesmo depois de escovar os dentes duas vezes seguidas, ela percebia. Talvez fosse a minha cara de culpa que entregava.

Quando uma grande briga se desenhava, eu descia e ia ao açougue. Quando voltava, Joana ainda estava em casa gritando. Eu pegava uma frigideira e começava a passar um grande e suculento bife. Nada poderia deixá-la mais irritada que aquilo. Joana gritava que eu era um assassino.

Um dos motivos de tantas brigas era o tamanho do apartamento. Era pequeno demais, a gente vivia se esbarrando. Joana chamava de *loft* ou *studio*, mas no anúncio do jornal estava escrito *quitinete*. Ela detestava essa palavra, dizia que era um insulto a qualquer lar. Eu também não gostava e só usava quando tinha intenção de irritá-la.

A falta de espaço atrapalhava. O nosso *loft* tinha apenas 25 m<sup>2</sup>. A sala e o quarto eram praticamente uma coisa só. A cozinha era a continuação da sala. O banheiro estava no fundo e era o único cômodo que tinha porta. Quando eu queria algum sossego, eu me trancava ali. O final de toda briga era decretado quando um dos dois se fechava no banheiro. Confinado no minúsculo sanitário, eu refletia sobre a nossa relação.

Lembrei-me do nosso primeiro encontro. Foi a primeira vez que eu fui à leitura de poesias da minha cidade. O lugar não estava cheio, mas cada olhar em minha direção me deixava nervoso e assustado. Já havia decidido, não iria ler o poema que eu carregava na mão.

De repente, a garota com uma boina na cabeça sentou-se ao meu lado.

- Meu nome é Joana, nunca vi você por aqui. Novo nas leituras?
- Sim, é a minha primeira vez.
- Eu não perco uma apresentação. Essa é uma das poucas leituras que ainda presta nessa cidade. Você escreve? Vai ler alguma coisa?
- Não!
- E esse papel na sua mão? – ela apontou.

Não queria mostrar, mas me senti infantil em guardar algo que ela já havia visto. Passei o poema para ela, que leu com uma cara séria.

- Nossa! Você que escreveu isso? – ela perguntou.

Apenas balancei a cabeça dizendo que sim.

- O que foi? – eu perguntei preocupado.

Ela leu novamente e abriu um largo sorriso.

- É a maior besteira que eu já li em toda a minha vida... – ela disse, explodindo em uma grande risada.

Eu fiquei envergonhado. Pensei em defender o meu poema, mas não queria fazer uma cena. Além disso, havia uma boa chance de ela estar certa. Levantei-me para ir embora, mas quando já saía, escutei-a proclamando o meu poema no microfone. Joana sabia ler de uma forma que até mesmo aquelas rimas bobas faziam algum sentido. Voltei para o salão encantado pela menina da boina.

- Esse poema é do homem misterioso do casaco marrom. – ela falou.

Eu dei um sorriso sem graça e acenei com a mão. Joana veio correndo na minha direção e, por muito pouco, não caímos no chão, antes de nos beijarmos.

– O poema não é tão ruim assim... – ela disse.

Fomos para casa dela e a noite foi boa. Não achava que essas coisas aconteciam nas leituras de poesia. Não achava que essas coisas aconteciam em lugar algum.

Meses depois, estávamos casados. Joana me convenceu a mudar para São Paulo. Ela havia decidido virar atriz. Joana disse que eu poderia virar ator também, tínhamos tempo suficiente e ela me ajudaria a decorar as falas. Porém, eu era tímido, sem jeito, não conseguia falar em público e não tinha a aparência tão boa para compensar todos os outros defeitos. Eu não podia e nem queria virar ator. Procuraria qualquer outro tipo de emprego.

Passamos dias inteiros olhando por um apartamento para morar. Os preços eram absurdos, fora da nossa realidade. Estávamos quase desistindo, quando finalmente achamos esse pequeno apartamento no centro da cidade. Eu achei que era muito pequeno. Joana me disse que tudo seria resolvido com ideias inteligentes de decoração. Era o melhor que podia ser feito. Nós assinamos um contrato de quinze meses e nos mudamos para lá.

Depois de algumas semanas, eu consegui um emprego. Uma jornada de longas horas de trabalho por uma grana média. O problema era que o custo de vida da cidade era tão alto, que o salário parecia uma miséria. Estresse, poluição e muito trabalho. Não havia dúvida, estávamos morando em São Paulo.

Joana argumentava que o seu êxito na carreira de atriz dependia diretamente dos contatos pessoais. Falava que era importante conhecer os atores, produtores, diretores. Era isso que faria ela conseguir as vagas nos espetáculos, filmes, propagandas, etc. Por isso, toda noite ela chamava todas aquelas pessoas que se apertavam no nosso minúsculo *loft*.

Eu, mal humorado, só queria que os encontros acabassem, mas pareciam durar para sempre. Joana fazia de tudo para cativar os novos amigos.

– Amor, tenta cozinhar com menos azeite. O Ronald não pode com azeite. – ela pedia para mim.

– Tudo bem. – eu dizia.

Eu, por raiva, colocava o triplo de azeite.

– Amor... Eu já falei que o Ronald não come batata.

– Deve ser porque eu fiz o jantar para mim... – eu respondia.

– Isso é falta de educação. Você é um péssimo anfitrião. – Joana se irritava e ia para a cozinha – Vou fazer um *spaghetini* ao sugo para você, Ronald.

No outro dia, ao chegar do trabalho, Joana já estava na cozinha.

– Amor, hoje teremos convidados.

A bagunça do apartamento era tão grande que eu só notei a presença do homem quando tentei me sentar. Na sala, havia um barbudo deitado no sofá.

– Amor, eu estive pensando... Sabe o Thales, que eu te falei aquele dia? – perguntou Joana, sussurrando e mexendo nas panelas com cuidado.

– Não.

– Um ótimo artista. Um grande escritor, um poeta maravilhoso, um pintor de mão cheia...

– E daí? – eu perguntei, impaciente.

- Ele está precisando de um espaço para ficar. Eu pensei que ele podia ficar aqui. Apenas por alguns meses. Ele está sem grana para pagar aluguel...
- Joana, pense bem. Olha o tamanho desse apartamento.
- É só até ele acabar o seu primeiro romance. Eu sei o que você está pensando. Mas relaxa, ele já tem trinta páginas escritas... No máximo, um ou dois meses.
- De forma alguma!
- É só ele e sua namorada, Júlia.
- Tenho outra ideia. O Thales pode arrumar um emprego e alugar um apartamento. A cidade está cheia deles, não vai ter dificuldades de achar um. A única certeza que eu tenho é que aqui ele não vai poder ficar.
- Só para que você saiba, o Thales é um puta artista! Ele não pode trabalhar nesses empregos de merda, só para pagar um aluguel.
- O Thales que se fôda! – eu disse gritando.
- Eu sou o Thales. – disse o homem que estava deitado no sofá.
- Sem ofensas, Thales. Mas o apartamento é pequeno, não suporta tanta gente. Joana, eu posso falar com você em particular?

Joana me xingava de careta, ridículo, assassino de animais, matador de artistas... Enquanto caminhávamos para o único lugar da casa com privacidade; o banheiro. Thales continuou deitado no sofá, imóvel, como se aquilo não tivesse sido o bastante para ele entender.

- Seria melhor se você fosse embora agora, Thales. – eu disse pra ele, que fechou a cara, juntou suas coisas e partiu.

Joana saiu do banheiro e mais uma briga começava – ou melhor, recomeçava. Enquanto isso, o molho vermelho queimava no fogão.

Era raro ter um dia da semana sem visitantes. De segunda a segunda, os ditos amigos de Joana apareciam. Eu não aguentava mais ficar trancado no banheiro. Saía de lá possesso e tinha que expulsar dezenas de pessoas daquele pequeno apartamento quase que diariamente. Era uma situação sem volta.

Um dia pela manhã, eu acordei e notei que Joana havia saído. Peguei uma grande mala e coloquei minhas roupas. Antes de partir, eu abri a geladeira e peguei dois frascos do molho vermelho ao sugo. Eu já estava enjoado de comer aquele molho, mas decidi levar um pouco comigo. Desconfiei que, em pouco tempo, eu sentiria saudade daquele tempero. Coloquei os frascos na mala, um bilhete na mesa e saí.

Fui para a rodoviária no terminal Tietê. Comprei só a passagem de ida e esperei sentado em um banco. Em pouco tempo, eu já estava de saída de São Paulo. Voltava para a minha velha cidade. No longo caminho, eu pensava na minha ex-mulher Joana. Sentia-me triste pelas coisas terem que acabar dessa maneira. Quem sabe agora, ela, o Thales e a Júlia pudessem morar juntos. Dei uma risada pensando em quem iria pagar o aluguel.

Depois de várias horas de viagem, eu finalmente havia chegado. Voltava para a casa da minha mãe, procurando pela vida que uma vez eu tive, se é que ela ainda existia. A minha pobre mãe quase teve um troço quando me viu entrar pela porta. Fazia meses que eu tinha saído, mas para ela parecia uma vida inteira. Ela não quis ouvir que eu já havia almoçado

na estrada, foi para o fogão naquele fim de tarde e começou a preparar um almoço completo para mim.

– Mãe, tudo menos massa... – eu disse.

Ela franziu a testa, como se não entendesse. Contudo, acatou o pedido. Depois veio o café, com queijo e broa. Não adiantava eu dizer que estava cheio. Minha mãe não sairia da minha cola até eu comer. Assim eu fiz.

Entrei no meu antigo quarto, mas o cheiro forte de poeira deixava claro que as coisas não eram as mesmas. O quarto que por décadas foi o meu exílio, agora, tratava-me como um intruso. Era um estrangeiro em meu próprio mundo.

Joguei a bagagem em cima da cama e quando eu abri a mala, tive uma surpresa e tanto. No caminho de volta, o pote de molho se abriu e banhou todas as minhas roupas de molho de tomate.

Minha mãe disse que era possível lavá-las, mas mesmo depois de várias tentativas, as manchas vermelhas permaneciam intactas. O poderoso molho de tomate ao sugo da vovó Nina, impossível de sair da memória e das roupas. Tive que jogar tudo fora. Carregavam um cheiro e uma cor muito fortes. Além disso, lembrava-me demais da Joana. Era como se ela estivesse ali, impregnada naquelas roupas. No meu antigo armário, as velhas roupas já não serviam mais. O caderno escondido na gaveta com os antigos poemas já não fazia sentido. Entre manchas e poeiras, eu teria que recomeçar a minha vida.

## CENAS

**Antonio Severo dos Santos Junior**

Todo o dia a mesma coisa: o cenário imutável, que já nem reparo. Parece que sou filmado a frente de um fundo verde e editado depois. Os personagens são os mesmos, só mudam os figurantes. O rapazinho de óculos, a mocinha de tatuagem no ombro, o homem que finge ler o jornal e a senhora que parece contar as estações. Onde estaríamos? O maquinista anuncia mensagens inúteis que nos chegam como chiados sobre nossas cabeças. Entra um vendedor, anuncia balas, doces; conta suas notas. “1 real”. Tentador, mas ninguém compra. Ele ainda insiste e grita; castiga-nos por não comprarmos suas mercadorias rotas. Um cego tateia os ferros da composição e começa uma ladainha impossível de entender. A única frase que faz sentido é ”pelo amor de Deus” e se põe a balançar umas três moedas que ele mesmo deve ter colocado no copo sujo. Os passageiros entediados querem paz apesar de já estarem acostumados a zoeira do trem. Tentativas inúteis de ler o material maçante da faculdade. Apenas o jornal chinfrim ganha a atenção: morte de inocentes e os gols da rodada. Nada de novo. Por isso, nunca compro o jornal.

A mulher com tatuagem no ombro ameaça partir, as pessoas em volta se agitam, disputam a vaga apertada, até que o bom senso conduz um senhor curvado até o assento onde um filete do sol de dezembro se aninha. Calor insuportável! Vou chegar ao trabalho suado e fedendo. Andei pensando em desistir de usar o perfume antes de sair de casa. Deixo-o todo no transporte. Invariavelmente chego suado e sem nem mais a lembrança do perfume. Vou levar o frasco e usá-lo quando chegar à empresa.

De repente o rapazinho de óculos já não está mais lá; fora repostado por uma mocinha muito branca que ouvia música. A composição para na estação e dá sinais de avaria. Muxoxos e palavrões. Alguém fala alguma coisa sobre política e privatizações. O senhor ao meu lado tenta puxar assunto, fala dos absurdos do país: “isso é uma vergonha!” Como a conversa não evolui, paro de lhe prestar atenção e dou importância a outros assuntos. Uma senhora cheia de embrulhos e bolsas está ao telefone dizendo que irá se atrasar. Fala alto e nos deixa a par de sua vida mesquinha. Lá fora, ao longe, montanhas e árvores me fazem sentir vontade de viajar. Preciso de férias. A última vez já faz mais de dois anos. Penso no dia que terei pela frente e a vontade de sumir aumenta. A ideia da loteria volta forte. Sempre que penso estar sofrendo demais, lembro-me da loteria. Passo uns dois dias num delírio intenso, e começo a fazer planos de como irei gastar o meu dinheiro. Pessoas que vou ajudar e lugares pra onde ir. Invariavelmente, logo após a constatação de que não ganhei, deixo de lado os meus sonhos e me decido por objetivos mais concretos: terminar a faculdade, conseguir um emprego em minha área, ganhar dinheiro, comprar uma casa perto do trabalho e pensar em constituir família. Não sei por que aquilo que me parece possível é tão distante do que considero sonho. Como se o sonho e a realidade dependesse de condições específicas e jamais pudessem ser a mesma coisa. Casar dependeria do fato de não ser um milionário, assim como viajar o mundo de eu não ser um assalariado.

Certa vez acertei alguns números e recebi a quantia de R\$ 1.634,00. Nada que pudesse mudar minha vida, mas me ajudou bastante naquele mês. Não sei o quanto já havia gastado, mas o que motiva o nosso sonho é a possibilidade de realiza-lo.

Quando chego ao trabalho, Dr. Mendonça me olha sério, e antes mesmo de desejar bom dia, pede-me um relatório que só será necessário na semana seguinte. Há sempre um relatório para a próxima semana. Eu deveria estar acostumado com o velho Mendonça. Às vezes tenho pena dele; às vezes raiva. Vive pra empresa. Está velho e viúvo. Não tem filhos, nem amigos; é sempre o primeiro a chegar e o último a sair. Tenho pena quando penso em sua vida, e raiva quando penso que não aprendeu nada com ela. Repito a mesma cena todos os dias. Desfaço o sorriso com o qual saúdo a recepcionista, olho-o nos olhos e digo que o relatório está quase pronto. Em minha mente só a vontade de adiantar os ponteiros do meu relógio e partir.

Na volta o sol já se foi, mas o calor continua a me castigar. Como sempre viajo com as mesmas pessoas, já decorei os rostos e as manias. Mas nunca fiz amizades. Não sou muito dado a amizades casuais. Alguns devem me achar esnobe por causa do terno, outros talvez me achem um coitado, também por causa do terno. Eu acho que sofro mais do que deveria; outros talvez achem que minha vida é fácil. Quando trabalhava como vendedor nas ruas costumava a ver os homens de terno atravessando a Rio Branco e os invejava. Imaginava como deveria ser bom trabalhar daquele jeito em um daqueles prédios altos e espelhados. Vivemos de ilusão. Ganhava muito mais do que hoje.

Toda vez que pego o trem na Central, acho que eu deveria comprar um carro, mas quando passo pelos estacionamentos do Centro vejo que eu não teria como pagar pela vaga todos os dias, e então digo pra mim mesmo que o trânsito seria muito estressante, mas só digo isso pra aliviar um pouco a minha impossibilidade de manter um carro.

Nos finais de semana quando saio com Martinha vamos de ônibus. Dependendo da festa pagamos um táxi ou pego o carro do meu irmão emprestado. Ela diz que não liga. Que um dia teremos uma vida melhor.

Compartilhamos tudo, inclusive o trem que sempre chega atrasado e cheio; arrastado por um maquinista preguiçoso e mal humorado, que não se importa se é segunda ou domingo. É infeliz e parece querer que provemos de sua insatisfação pessoal.



## **Itinerário**

### **Ian Martin Vargas**

Era noite quente e abafada. O sujeito estava estático no ponto de ônibus aguardando. Tinha altura média, magro e de cabelos secos loiros já caindo. Olhar forte. Tinha vinte. O ônibus tardava. Eternidade, simplesmente o tempo se torna infinito quando estou esperando esse lixo de transporte, pensa o rapaz, estudante sonolento. Impaciente, porém petrificado. Espera inevitavelmente. Reflexão urbana desperta memórias, desejos, reminiscências, presente, passado. É tudo desconexo, descontínuo. Caótico. Acorda do sonho despertado. A lata colossal móvel se aproxima. Barulho agudo dos freios. Odeio esse som, deixa eu entrar logo pra me decepcionar com a falta de lugares. Factoide possibilidade dele se sentar e relaxar. O jovem entrou sem nem olhar para o motorista. O exausto cobrador possui olheiras abismais encaixadas na face. Coitado, que trabalho infernal. O sujeito pega mecanicamente o cartão no bolso e aponta pra máquina. Sinal verde. Ele passa. Não fala nunca com ninguém. Nunca tem lugar nessa porcaria. Odeio isso não aguento mais. Suplica pra si mesmo repetidamente. Ninguém lhe percebe, ninguém lhe olha. Invisibilidade social. Não ligo mesmo vou me aproximar de quem acho o que vá descer primeiro, só pra poder sentar. Deduz. Executa o ato. O estrategema funciona. Uma mulher gorda levanta com suas compras e puxa a corda. Ele senta. Até que enfim. Olha o celular. Vê a hora. Levanta a cabeça e faz uma sondagem morosa no ambiente. Velho trabalhador de uniforme com bigode denso negro. Menina charmosa de busto saliente em um uniforme de supermercado. Garoto negro melancolicamente magro. Estudantes debatendo festas e aulas entediadas de professores chatos e matérias fúteis sem futuro. Mulheres feias conversando. Homem sempre dando em cima de uma jovem vendedora. Uma ou duas jovens atraentes em pontos distintos do carro. Uma velha num assento preferencial amarelo. O trajeto prossegue. Prossegue com interrupções colericamente ocasionais parando em todos os pontos possíveis no caminho. Normal. Por que diabo tem que parar em todo ponto? Mas que infelicidade, odeio isso. Discute para com si. Nota as ruas, fachadas de prédios, carros, poucas pessoas na rua. Já são onze. O ônibus sobe e desce. Mais um sinal. Olha pra fora. Minha hora vai chegar, não vou precisar mais dessa merda. Joga o olhar pra fora. Vê o carro parado num sinaleiro alinhado com o busão. Pai no motorista e filha no carona. Ela sobe a visão. Trocam olhares. Será que ela gostou? Achei gata. Queria beijar aquela boca carnuda. Momentos rápidos marcantes de um filme de 8 mm. Encontros e desencontros de um passante, viajante, passageiro. O trajeto continua. Vem o ócio. Olha para as pessoas de novo. São as mesmas todos os dias. O trajeto não tem fim. O ônibus passa por uma ponte. Logo se vê dormindo profundamente no suave algodão do travesseiro e no ar do quarto na penumbra refrescado por um arcaico ar condicionado. Nas outras noites é tudo cronologicamente igual. As noites se confundem. A espera interminável no ponto. Petrificado. O carro chega. Não cumprimenta, não repara, não observa o motorista, passa o cartão. Procura sagazmente local pra aguardar um assento. Vê o velho do bigode, a menina

esbelta, o garoto desnutrido, homem jogando charme, mulheres conversando, estudantes. Falta alguém? Não, todo dia vejo essa mesma gente passageira que não é passageira. Pessoas fixas? é são pessoas fixas. Tédio. Rotina tediosa. Incansável e aparentemente infundável rotina. Após passar a ponte sempre se encontra já dormindo. Não se lembra de descer. É tudo tão automático. Nem tenho me lembrado do descer do ônibus, da chegada, da abertura da porta e de deitar. Passa a ponte e já estou num delicado e mortal sono plácido. O tempo passa. As noites são gêmeas. Esperar, embarcar, sentar, olhar, observar, refletir, resistir, ponte, dormir. Mesmas pessoas, mesmos gestos, mesmas falas, mesmas roupas. Como podem usarem a mesma roupa todo santo dia? Exatamente os mesmos todo dia. Raciocina dubio. Como uma semente plantada em sua mente em um ato de magia que se nutre das ondas de pensamentos lógicos e brota... surge a dúvida: Por quê? Não sabia mais Freud sabia. Já citou que nunca se deve ter certeza de nada, porque a sabedoria começa com a dúvida. Atingir uma verdade absoluta, driblando outra relativa, tanto faz. Tanto faz mesmo, o desabrochar de uma dúvida é melhor que permanecer perdido na névoa da alienação real ou anomia social. Começou a buscar respostas para o quebra-cabeça fático. Começou a criar hipóteses. Razões pelas quais os passageiros repetiam as roupas, ou porque eram sempre os mesmos, com mesmas atitudes. Chegou a fantasiar rapidamente em um controle cibernético sobre eles. Uma programação implantada naquelas pessoas. O controle das massas outra vez. Tecnocracia. Distopia. Logo esqueceu essa bobagem. Imaginou a hipóteses de não existir folgas nos trabalhos ou nos estudos daqueles cidadãos. Já que o homem contemporâneo só sabe fazer isso. Por que as mesmas roupas? Gente porca. Mas após cavar o terreno de suposições, bate sua inchada racional em um fato. Fato sólido. Um só fato que por si só lhe deixou atônito. Se todo dia nesse transporte os indivíduos são os mesmos e eu sempre infalivelmente sempre os observo, logo eu também estou aqui todo dia. Pensou cartesianamente. Mas por quê? Não consigo me lembrar de nada fora dessas cenas. É uma crônica que isola todos os outros fatos e memórias. Cadê minha memória? Por que não estou folgando? Por que não há interrupção desse ciclo? Por que não me lembro? Amnésia? Estaria ele doente? Psiquiatria? Por que estou sempre aqui? Continuou. Com certeza meus gestos, minhas atitudes e ações são sistematicamente as mesmas devido ao mecanicismo, mas vou prestar atenção se também tenho repetido as roupas. O resto creio que faço toda vez igual, é natural. No outro dia o jovem se viu permeando entre as mesmas pessoas naquele sistema ordenadamente caótico, se é que seria possível classificar uma situação desse modo. Era cíclico. Ficou surpreso com sua roupa repetida. E neuroticamente analisou como tudo se repetia. Não só as pessoas, mas o lado externo do veículo também. Os outros carros, o clima, os sinais de trânsito, os transeuntes e as cenas urbanas em geral. Estaria vivendo numa realidade paralela? Foi ele inserido numa experiência científica avançada de controle do tempo? Que viagem doida é essa? Devo tá pirado. Outra lâmpada acendeu em cima de seu crânio: por que não ligar pra alguém via celular? Pegou o aparelho e tentou discar pra um amigo: Fora de área. Mas fora de área naquele ponto por onde passava? Estranho. Buscou por mais explicações, mas sem sucesso. Sempre depois da ponte se encontrava dormindo pesadamente no travesseiro de

algodão. No outro dia, na iminência de reviver aquele circuito paranoico de ações, o jovem decidiu questionar o motorista que nunca notava, pois era a primeira pessoa que poderia comunicar-se. Ao embarcar da mesma maneira de sempre levantou seus olhos lentamente para o condutor. A análise foi lenta. Ele vestia calça preta social. Paletó simples já batido, também negro. Uma boina velha marrom. Possuía pele alva, sem barba. Era velho, porém nitidamente não aparentava a idade. Poucas rugas. Tinha um olhar firme mirado para o trânsito. De repente um detalhe insano despertou horror no jovem. Seu coração começou a acelerar gradativamente. O motorista estava sorrindo com os lábios fechados. Um sorriso cínico, irônico. Quando inesperadamente fala: Não vai passar o cartão hoje? Nem esperar, sentar, observar e dormir? Como assim? Como você sabe? O que é isso aqui? Esse sistema psicótico? Isso aqui é um caminho que fazemos todos os dias. Falou sem olhar em direção do jovem. Mas por quê? Para você compreender. Que? Compreender o quê? Cara não estou entendendo nada. Quer saber não vou passar. Vou esperar aqui mesmo. Tanto faz.. logo você estará dormindo de novo, depois da ponte. Disse o chofer. Como sabe disso? Por que isso sempre acontece depois da ponte? Afinal Quem é você? Já tive vários nomes: Tânato para os gregos, Ankou para os celtas, Yama para os hindus, Azrael ou Anjo da Morte se preferir. Eu vou morrer então? Raciocina com um último fiapo de razão o jovem. Não, você não vai morrer. Você já morreu. O jovem sente suas entranhas entrarem em choque. Peito a mil e olhar aterrorizado. Ninguém aqui vive. Ceifei suas almas já há muito, só você não percebeu. Foram todas juntas. Captura coletiva de almas. Só você não percebeu. Foi logo ali embaixo daquela ponte.

## **JUREMA-DA-RUA-DA-FRENTE**

**Marcio Leite**

Havia muitos dias Ana Morena andava com a pulga atrás da orelha. O marido vinha mudando de costumes, andava escabreado, não procurava mais chamego. A verdade é que a bolinação diminuía muito, quase a ponto de deixá-la secar inteirinha, como açude em tempo de estiagem. Ela, mulher fogosa que não enjeita carícia; vinda, era sempre em boa hora, já tava que nem lagartixa, a ponto de subir as paredes. Enquanto o marido mofava no canto, ela se aperreava, zanzava pra lá e pra cá em total desassossego. Perguntara mil vezes, mas o peste sempre negava. Bicho-homem é assim mesmo, renega até não mais poder, até cair duro com a boca cheia de formiga. Pode dar bicheira nos olhos, gangrena no dito cujo, o desgraçado não se compadece da mulher pro modo de deixar ela mais calma, mais sensata, ou desembestar de vez, conforme a resposta, gritar até explodir ou morrer de raiva passiva, como rato que come chumbinho. O cretino não fez menção de acomodar as coisas e ela carecia de descobrir o que se passava com ele. Estaria doente ou era mesmo conjuração de safadeza?

Tinha ouvido um alarido, um zumbido esvoaçante. Ela não era mulher de dar confiança a conversa de feira, mas agora, pensando melhor, talvez fosse o caso de prestar mais atenção e meter o nariz em assuntos alheios para defender o seu. Diziam pela cidade que Jurema-da-rua-da-frente andava queixando seu marido a torto e a direito. Aonde o macho fosse, ali estava ela, de olhar arriado, jeitinho de quenga saudosa, água-de-cheiro no pescoço. Vestidinho colorido, forçando prosa com o marido das outras. A vigarista era conhecida. De todo modo, Ana Morena nunca deu bola, nunca se desassossejou com a conversa matreira das comadres que não tinham mais o que fazer. Sua vida era dedicada à casa e à família, conseqüentemente, também àquela coisa ruim que agora lhe consumia o juízo e a assombrava com o fel da traição. Carecia tirar toda aquela história a limpo. Ana Morena não era mulher de abrir mão do que era seu, menos ainda em favor de uma sirigaita sem eira nem beira que se achava melhor que as outras.

Tardinha malemolente, depois da reunião na igreja, botou gente sua na cola da vagabunda. As colegas de credo sentiram-se ameaçadas, não faltou quem quisesse ajudar. Então, com a rede de informações que se criou, ficou fácil. Uma delas viu o amaldiçoado entrar na casa da sujeitinha e sair de lá como quem comeu e aprovou. Ia lambendo os beiços, com a cara safada de quem comia mais. Outra ouviu a dama falar o nome do amado, soletrado, certeza segura. Bastou.

Ana Morena não contou conversa. Mandou chamar às escondidas João Mata-Onça, o mais temível matador da região. Virgem Maria! O sertão se arrepiou. O homem passava e só se via a sombra, ninguém ousava encarar o maldito, o mais famoso profissional de matança paga. Assassino de aluguel, assim ele se apresentava quando chegava para acertar serviço. Profissão em alta naqueles tempos.

Tiveram uma conversa arisca, entocados num quartinho dos fundos, no rancho da família que, àquela hora, era um deserto. Trato feito. O fora-da-lei tinha que abater aquela franga como se estivesse em competição de tiro. Não podia errar. Um tiro só para não fazer lambança e não levantar suspeita. Ana não queria rebuliço, e que a poeira assentasse logo.

Tudo arranjado, foi cada um para seu canto. Ana Morena não estava no negócio porque se desdobrava de paixão pelo amofinado, mas porque tinha vergonha nas ventas e medo da conversa tihosa das comadres. Pensou no malfeito, avaliou, se encheu de culpa. Em seguida, lembrou de Bartira, a rezadeira. A moça era competente, aprontaria um ebo caprichado para despachar para longe os espíritos maus que quisessem encostar nela. Afinal de contas, era a mequetrefe que estava pecando, não ela. Ela estava apenas de prevenção, protegendo seu homem, pai de seus filhos. Era por ela e pelos miúdos. Assim estava bem certo. A culpa podia bater forte, mas que fosse depois do fato consumado.

O arдил teria que ser bem executado. O homem gostava do serviço limpo, sem cheiro de carniça que atraísse os meganhas. Tudo na mais perfeita harmonia e sem demasiado sofrimento para a vítima. Matava por dinheiro, não por crueldade. Isso, em seu pensamento, quase o santificava.

Tomou nas mãos uma foto velha e não muito nítida, andou pelos botecos, assuntou aqui e ali, descobriu que a candidata a defunta estaria à noite no baile do clube. Melhor até, pensou. Ruma de gente, forrobodó, fubuiá no juízo e pouca visibilidade. Era só esperar a tal sair da festa e caminhar pelos escurinhos da rua. Se Deus abençoasse, já vinha até anestesiada. Dava um tranco nela, botava quem mais tivesse para correr e estava feito. Depois era só passar na casa de quem encomendou aquela alma e receber o pagamento. Servicinho leve.

Na hora aprazada, escondeu-se atrás de um juazeiro, rifle camuflado numa mochila de viola. Aí ficou uma boa parte da noite na friagem da caatinga, fumando cigarro de palha, sentindo cheiro de orvalho e pólvora. O mundo parecia cansar de rodar e o diacho da mulher não saía do clube, um cercado de muro alto de onde vinha uma zoada dos infernos. Conferia o rosto de toda dama que entrava e saía, sem efeito. Confiava em seu próprio faro, não seria por outro motivo que era um profissional considerado. Tinha informação segura de que ela estava naquela maldita folia. Só não entrava pra conferir porque tinha que pagar, andava meio liso.

Lá para as tantas, umas quatro da manhã, o sol catingueiro já dando sinal de que voltava arretado, a donzela apontou cambaleando no portão. O sujeito enfiou a fuça na sombra, aprumou-se, coçou a arma. E como se o demônio tivesse participado do pacto para facilitar a empreitada, estava sozinha, meio bêbada, e caminhava justo na direção do matador.

Ele nem acreditava. Era sorte demais. A franguinha d'água vinha caminhando direto para o cano do seu bacamarte. Já sentia as notas quentinhas no bolso. Apoiou o trabuco no tronco da árvore e se esmerou na mira. Ela vinha dengosa, sorrindo em seus sonhos de

moça namoradeira. Ele azeitava a pontaria enquanto ela caminhava confiante na sorte. O rosto da moça foi ganhando forma e cores, sorriso e... Jurema!

O caboclo deu um salto para trás na horinha de mandar fogo. Jurema! Arriou a espingarda, morreu de vergonha. Mais que rápido, enfiou a barulhenta de volta na mochila. Ô peste! O que era aquilo? Aquela era Jurema, sua primeira namorada, menina assanhada que nem bem adolescente já lhe ensinava tudo que é safadeza. Aquilo era bicho bom, bicho gostoso. Não se dá cabo de coisa assim, não. Arre égua! Como é que aceita encomenda para matar uma mulher daquela? De jeito nenhum... trato desfeito! Dona Ana Morena que lhe desculpasse, ele não era homem de mijar para trás, mas aquilo ele não faria, não.

Jurema chegou junto, achou o moço formoso, nem se deu conta de quem se tratava. Quando o reconheceu, após tantos anos, caiu em seus braços. E foi uma troada de beijos e abraços de saudade e apherreio que ninguém duvidou que ali se atracava um casal de cuiubas dos mais apaixonados. Juntou uma espera insossa com a tesão sustada das longas andanças na caatinga, não deu outra. Os dois foram abraçados para uma cerveja e de lá para uma rede bem esticadinha em alguma varanda fresca. A namoragem se estendeu como bicho-preguiça no galho, foi até muito depois do sol raiar, quando agarraram num sono solto e sofrido. Ela com o rosto apoiado no peito peludo do matador. Ele com a cabeça guinada para trás, roncando, com o dente de ouro reluzindo.

Pela manhã, depois de muitos abraços e beijos de paixão sobrevivente, notícias antigas e porquês já vencidos, ele acabou por confessar o trato feito com Ana Morena. De comum acordo, cobras criadas, resolveram tirar proveito e algum dinheiro da situação. Elaboraram um plano que não tinha como dar errado. João Mata-Onça, sujeito que não desperdiçava cartucho, fingiria que matou Jurema-da-rua-da-frente. Pegaria o dinheiro do serviço e fugiria com a rapariga para outro canto. O montante daria para os dois viverem no bembão por um tempo. Estava de bom tamanho. Nenhum dos dois se preocupava com futuro que ultrapassasse o mês seguinte. Gozo da vida era como gozo do sexo, não dá para esperar.

Jurema-da-rua-frente deitou-se fingida de morte e com cara de tragédia. Gastaram uma lata de extrato de tomate na lambuzagem do chão e do peito. João Mata-Onça tirou as fotos com a espingarda ao lado do corpo, várias delas, só para dar um ar de verdadeirice. O dono da loja de revelação jurou ficar calado depois de molhar as calças e fazer o sinal da cruz três vezes.

A mandante do crime comeu a farofa. Tomou as fotografias como provas e a morte da sujeitinha como certa. Orgulhou-se da tramoia e voltou satisfeita para os braços do marido. O cafajeste ia ter um contragosto. Vai ficar com cara de tacho e voltar para o aconchego de suas coxas. Ao menos para isso tinha serventia.

Os dias passaram arrastados, a poeira engolindo a cidade de dia e o sereno resfriando as noites. Tudo como antes naquele lugar esquecido. O povo da rua da frente estranhou o súbito desaparecimento de Jurema. Ana Morena fazia de conta que não sabia de nada, andava até perguntando por ela. O marido, coitado, andava escornado pelos cantos, mais macambúzio que galinha de gôgo.

Semanas mais tarde, fazendo compras na cidade vizinha, Ana Morena resolveu almoçar num restaurante. Qual não foi a surpresa quando avistou, em carne, ossos e penas, os dois apaixonados comendo, certamente às custas de suas economias. O sangue ferveu por dentro, provocou comichão e grandes placas vermelhas brotaram pelo corpo. Por pouco não correu a esganar a dupla de vigaristas que a passara para trás e agora, descaradamente, encenavam aquele idílio em plena luz do dia. Conteve-se a muito custo, mas sua vingança não tardaria, ruminou.

Ao voltar para casa, correu a dar queixa na delegacia. Contou que o bandido a roubara e agora gastava seu dinheiro com a meretriz. O homem da lei quis saber como isso podia ter ocorrido, uma vez que era sabido que João Mata-Onça tinha outros predicados, mas ladrão não era um deles. A conversa deixou Ana Morena de saia justa, mas, lançando mão de toda a astúcia de mulher, mentiu com tanta convicção que fez o delegado coçar o bigode, condição essa conhecida na região como o momento em que o homem fincava o pé na lenga-lenga. O delegado mandou prender João Mata-Onça e teve uma conversa com ele. Curiosamente, achara a história do matador mais convincente que a de Ana Morena. Por via das dúvidas, até posterior esclarecimento, trancafiou os dois.

Aqueles dias de xilindró fizeram Ana murchar. Disseram que começou a ver coisas quando as amigas lhe contaram que o traste do marido propôs ajuntamento a Jurema-da-rua-da-frente. Prometera-lhe casa e comida. O casal passou a ser visto com frequência, andando de mãos dadas na praça. Dizem que rindo à toa.

**MIENTRAS EL VIENTO**  
**Rodrigo Urquiola Flores**

*a Karen Veizaga Abularach*

Afuera llueve. Adentro un poco. Coloco el balde semivacío a la altura de la gotera. El agua gris cae del techo haciendo un ruido aparatoso. No importa, el ruido de la lluvia sobre la calamina de todas las casas de este barrio es más potente que el minúsculo sonido de unas gotas muriendo en la pequeña eternidad del agua acumulada en el fondo de este balde que alguna vez fue de color verde. Observo el techo. Ya no es tan blanco como cuando Efraín y yo nos mudamos a estos cuartos unidos que preferimos llamar *casa*. ¿O será que ese aire plomizo que desciende cuando se nubla el cielo, sobre todo en diciembre, lo habrá dejado tiznado? Como cenizas. Un incendio de hielo. Humedad, humedad. Es la temporada de los días nocturnos. Sigo observando el techo, a veces me sucede, mis pensamientos se quedan colgando allá donde sea que hubiera fijado mi vista. El agua, que logra colarse por entre las rendijas y hoyos o pedazos de calamina oxidada de nuestro techo, va formando nubes sin forma que se extienden sobre lo que alguna vez fuera blanco. Las nubes se derriten y, gota a gota, caen en el balde. Hay demasiadas nubes cargadas de oscuridad. Adentro y afuera.

Ale, mi niña, se acerca, posa sus dos pequeñas manos en mis rodillas y presiona con todas las fuerzas de sus brazos delgados. Hace tres años que te conozco, le digo sin decirle nada, mirándola, y disimula llorar, esta niña sabe actuar mejor que su madre, y empieza a frotarse los ojos, quiere dormir, es la hora de su siesta vespertina, siempre duerme antes de que llegue Efraín del trabajo, le gusta esperarlo despierta mientras dice pa pa pa pa pa sin cesar. Eres una niña reloj, le digo, con esa voz intermedia que está entre el pensamiento y los dientes, mientras preparo su mamadera, la leche en polvo llueve al contacto con el agua tibia, llueve dentro del plástico transparente. Todo llueve últimamente. Ale, mi niña, le digo, ya son tres años que llevamos de conocernos muy bien y sabes que cuento los días desde la primera vez que sentí tu vida nadando en mi vientre. La acuesto con esa manta multicolor de la que nunca se desprende y duerme. No acaba la leche y yo me la bebo tras destapar el chupón, despacio, evitando hacer algún ruido brusco a pesar de que la lluvia crece en intensidad. Cierro la puerta del cuarto en el que están nuestras camas con sumo cuidado.

De pronto aparece un ruido que sobresale entre todos los demás. Bajo el volumen del televisor. Alguien golpea alguna puerta con una piedra o con una moneda tal vez. ¿Quién podrá ser?, ¿algún vecino que olvidó la llave al salir esta mañana?, ¿un visitante?, ¿el señor que reparte las facturas de luz? Puede ser este último, un hombre de cabellos



canos y que cojea al andar, nunca le pregunté su nombre pero siempre me impresionó su porte de viejo marinero derrotado. Insisten. Salgo al patio, necesito cerciorarme de que no sea mi puerta. Es un golpeteo fuerte, agresivo, tal vez no sea el señor que deja las facturas de luz. Caen gotas de lluvia helada sobre mi rostro. Es mi puerta la que se sacude y ayuda a provocar ese ruido. Alguien golpea, alguien ha estado llamándome. Me abrigo, cubro mi cabeza con una vieja frazada raída. Corro, atravieso el patio, salto un charco, evito las piedras lisas, lucho contra la presencia de la greda. Abro la puerta, chirría el metal, horrísono. Duele. Es una mujer con toda la ropa mojada. Una mujer cuyo rostro no recuerdo haber visto antes en ninguna parte. La lluvia corre por su cara como lágrimas. Sus brazos que tiemblan sostienen a un bebé envuelto en un aguayo de colores oscuros. Tira la piedra al suelo y me saluda su voz parca. El ruido del río arrastrando pedregones es intimidante. Parece que se estuviera cayendo el mundo y que sus pedazos ruidosos los arrastrara todos este río tan cercano.

Sus dedos están manchados de barro, ella los limpia con lentitud en la superficie húmeda de su ropa.

—¿En qué puedo ayudarla? —le digo, esforzándome por sonar amable.

Mis ojos se fijan en el verdor repentinamente exuberante de los árboles de retamas que los vecinos de enfrente, Cecilio y Bea, plantaron y cuidaron desde pequeños. Veo la protección metálica que fabricó Cecilio —las latas de leche moldeadas y las latas de manteca de cerdo como soporte— para combatir el orín de todos los perros de Codavisa. El ruido del río se atenúa a momentos, ¿en cuántos minutos llegará su furia a fundirse con las demás furias de los otros ríos que bajan de la ciudad y de las montañas aledañas? Desde aquí, desde el umbral de mi puerta, se ve el centro urbano y parece que graniza fuertemente allá, se escucha el sonido del hielo contra el pavimento o contra los edificios o contra los microbuses, ojalá Efraín no se resfríe y haya podido comprar un paraguas.

La mujer aún no contesta a mi pregunta, es una mujer de movimientos lentos que parece tener pensamientos lentos también.

—Dígame —le repito.

Ella carraspea.

—Busco a Efraín Cabrera —me dice, con una voz ronca pero decidida, firme, contrasta con las gotas de lluvia que corren por sobre su piel. —¿Puedo hablar con él, por favor?

De pronto siento miedo, un frío sobre el frío que ya venía sintiendo mi cuerpo. Dos fríos distintos que me cubren con las dos capas diferentes de sus respectivas presencias.

—Efraín aún no está aquí, está en su trabajo.

La mujer agacha la mirada.

—¿Para qué lo busca? —le pregunto.

Aquellos ojos negros sucios de la transparencia de la lluvia dicen más de lo que creen, esta no es una visita cualquiera. Ella no es una amiga más de Efraín.

—Vengo a traerle a su hijo —dice, y su voz ya no me suena ronca.

Cierro la puerta de sopetón y el ruido que hace al chocar contra sus sostenes de metal oxidado me lastima la garganta. No puede ser, me digo, mis dientes se aprietan todos entre sí, no puede ser. Es un juego, un chiste pesado, ya sé, es idea de su amigo Choque, el bromista. El ruido todavía resuena en mis oídos y continúa lastimando mi garganta. Espero a que la mujer se marche. Uno, dos, tres minutos, cuento los segundos. Ella continúa allá afuera. Yo también estoy fuera, bajo esta lluvia, pero ella está aún más afuera, ése no debería ser mi problema. Escucho el llanto del niño. Escucho el leve ssshhh ssshhh de su madre. No tengo las fuerzas suficientes para darle la espalda a la puerta cerrada y marcharme como si mis oídos no hubieran escuchado lo que dijeron sus palabras. ¿Dónde estás, Efraín? Abro la puerta.

Esta mujer desconocida parece ser parte de la lluvia. Sombra vertical del agua que cae, silencio que camina. Y su niño llora.

—Calla, Misael, ssshhh, calla —susurra la mujer que, al parecer, no le sorprendió que yo volviera a abrir la puerta.

—Pase —le digo —por lo menos hasta que cese la lluvia.

—No quisiera incomodarla —me dice.

Pero ya lo hizo. Aunque, en realidad, más que incomodidad es miedo.

—Preferiría esperar a Efraín aquí, de pie frente a su puerta —me dice.

El llanto del niño se hace más insistente, seguramente tiene hambre y está sucio. Además el frío.

—Pase —le repito —no hay problema. Hágalo por el niño.

¿Quién está hablando a través de mis labios?, ahora no quisiera hacer otra cosa que llorar o gritar de rabia o destrozar algún objeto o golpear a Efraín o arrojarle barro a esa mujer. Varios meses pasaron sin que mis ojos lloraran. Llueve, es la ocasión propicia. Un trueno se dibuja en esa vasta explanada que, vista desde aquí, es la ciudad de El Alto.

Camina detrás de mí procurando no resbalar. Las piedras alrededor parecen pedazos de hielo desprendido desperdigadas por aquí y por allá.

Abro la puerta y entramos. Ale llora y el niño deja de llorar. Tal vez fueron los tantos ruidos mezclados con agua los que levantaron a mi nena.

—Espéreme —le digo a la mujer, voy a ponerle los zapatos a mi hija y, al poco rato, camina sosteniendo tres dedos de mi mano derecha, tambaleándose, aún no es muy hábil para caminar.

La mujer continúa donde la dejé, de pie muy cerca de la puerta, gotas de agua fría caen al suelo de cemento del cuarto, llueve esta mujer dentro de mi casa.

—¿Puedo cambiar a Misael? —me pregunta —¿puedo usar el agua de su balde para limpiarlo? —y señala el agua acumulada en el balde de la gotera. Yo asiento y la dejo hacer, su presencia me hipnotiza, nubla mis reacciones, es como si yo no fuera yo, sino apenas un títere, pero ¿de quién? o ¿de qué? El niño gimotea un poco y Ale se acerca para verlo bien, lo examina curiosa y retorna corriendo a mis brazos.

La mujer ha terminado su labor y envuelve otra vez a su niño en ese aguayo de colores oscuros. Se sienta en la esquina que forman la pared del fondo y el mueble alto

sobre el que está el televisor encendido. Parece quedarse dormida de repente con los ojos abiertos. Estoy a punto de decirle algo y me contengo a último momento, ella lo nota y me dice:

—En verdad no quiero molestarla.

Me siento sobre el sillón duro y juego con Ale y una muñeca suya disimulando que continuamos solas, como si nada, como si hoy fuera un día común, otro día de esperar a papá y nada más. Ella actúa muy bien, dice pa pa pa pa pa mientras ríe, ¿dónde estás, Efraín? Miro el televisor, el mensaje presidencial de fin de año, no me interesa, pero procuro verlo con atención, no entiendo lo que me dice el presidente de la república, es como si estuviera hablando en otro idioma. El olor de la mierda del chiquillo asciende al techo y se funde con el vacío olor del frío lluvioso y todos los olores, poco a poco, junto a las palabras presidenciales que escupe el televisor, salen al viento a través de los inevitables resquicios de esta casa de Efraín y de mí misma que aún nos comunican con el mundo exterior.

¿Dónde estás, Efraín?

Mis oídos han empezado a escuchar ladridos y también música fúnebre. No sé si estos sonidos son reales o los está inventando mi desesperación. Mis dedos tiemblan y Ale, mi niña, sonrío. De reojo observo a la mujer y a la criatura que sostiene en brazos. Están pero no están. No estuvieron pero estarán.

Efraín llega, escucho la puerta de la calle cerrarse, escucho sus pasos apresurados, sus brincos. Abre la puerta y Ale grita de felicidad. Pa pa pa pa pa. Efraín me saluda, se queja del frío y empieza a desnudarse como acostumbra cuando la lluvia lo atrapa como a un insecto, se saca los zapatos, las medias, la chompa, la camisa, el pantalón, los calzoncillos, exprime sus ropas y deja que el agua chorree en el balde de la gotera, y queda desnudo frente a mí. Toda su ropa hace una montaña de humedad sobre el suelo. Quiere secarse el cabello y da un paso buscando esa toalla que siempre está a mano cuando derrama su mirada y descubre que no estamos solos.

## **O AMOLADOR DE FACAS**

**Sonia Cristina de Abreu Pestana**

Fausto puxava o carrinho. Alinhava-o ao meio fio, paralelo à calçada, e apitava de novo para avisar de sua chegada. Enfiou o apito no bolso da camisa, ajeitou sua boina e esfregou as mãos uma na outra.

Ali, naquele bairro, clientela não faltava. Aquela era a quinta rua em que parara naquele dia: Rua Elídia. Estava sendo um dia bom. Dois minutos parado e o pessoal já vinha aparecendo, trazendo algum utensílio à mão para afiar. Era público cativo. Contavam coisas para Fausto, enquanto ele trabalhava a peça e perguntava sobre qualquer assunto cotidiano: “E a escola dos pequenos? Seu pai melhorou de saúde? Conseguiu comprar o cachorrinho?”. Fausto era figura conhecida pelas adjacências.

Naquela rua existia uma casa muito antiga, velha, cinza, empoeirada. Do muro baixo se desprendiam cascas de reboco e havia um pequeno portão enferrujado, com uma das dobradiças um pouco danificada - prendia-se desalinhado com uma corrente e cadeado. A cobertura da casa tinha telhas quebradas, e notava-se o acúmulo de galhos e folhas de uma árvore enorme que havia ao lado. O telhado, como um todo, tinha um aspecto escuro. Será que aquelas telhas algum dia haviam sido vermelhas? As janelas, de vidros foscos e imundos, estavam sempre fechadas. O jardim da entrada não era propriamente um jardim, mas um acumulado de capim alto em suas jardineiras, plantadas certamente pelos pássaros e pelo vento.

Julgava Fausto, antes, que era uma casa abandonada. Mas naquele dia, tendo acabado de atender o último cliente da rua, e enquanto arrumava o carrinho para sair, percebeu que a porta da sala daquela casa de abriu com um rangido pesado. Ele viu um homem carregando algo na mão. O homem se posicionou na varanda, trancou a porta da sala – todas as três trancas – testou se estava bem trancada, e em seguida dirigiu-se ao portão do muro, olhando para Fausto.

Fausto ficou surpreso. Arriou o carrinho no chão, entendendo que o morador queria amolar algo. Teve que esperar o morador abrir aquele portãozinho empenado do muro baixo exterior. O morador saiu, fechou a corrente com cadeado e veio até ele.

Era um homem na faixa dos trinta anos, de aspecto muito magro e pálido, de olheiras fundas. Seu cabelo era oleoso, de aspecto sujo e desgrenhado, com uma franja ajeitada para o lado com as mãos. Tinha penugens suadas, principalmente perto das orelhas, grudadas na pele do rosto. As sobrancelhas eram muito finas e ralas, e dentro das olheiras pulsavam dois olhos azuis muito pequenos e sem brilho. Vestia uma blusa encardida branca de mangas compridas, embora fizesse calor naquele dia, e usava uma calça preta surrada. Nos pés, sapatos pretos por engraxar, cheios de vincos que hospedavam poeira. Fausto percebeu que o utensílio que trazia para seu serviço era um grande facão.

O homem chegou perto de Fausto e falou com ele sem algum cumprimento:

- Quanto cobra pra amolar este facão?
- Cinco reais.

O homem estendeu as mãos entregando-lhe a peça. Fausto pegou o facão na mão e sentiu o peso. Tinha excelente empunhadura. Era uma peça belíssima, mas ao mesmo tempo carregava algo de sinistra. No punho, que era de marfim, havia esculpidos adornos florais e anjos com caras estranhas, cujas mãozinhas apontavam para uma única figura central, na extremidade do punho - uma caveira. Fausto julgou haver certa semelhança com o proprietário. Afastou o pensamento. Na lâmina, a figura daquela caveira se repetia, em baixo relevo. Fausto sentiu um arrepio estranho.

Começou a afiar o facão com muito cuidado e tentou puxar assunto, intrigado com aquele objeto admirável.

- Facão muito raro. É bonito. O senhor é colecionador?

- No.

- Este facão é de onde? – continuou Fausto notando o sotaque hispânico do homem.

O morador demorou a responder. Parecia cansado. Enfim, falando um português mal falado, soltou um suspiro e disse:

- Es espanhol. Mi família era de lá.

Houve um silêncio de alguns minutos e Fausto continuou tentando um diálogo.

- Tem alguém de sua família aqui no Brasil? Ou moram todos lá?

- Se murieron todos.

- Sinto muito. O senhor mora sozinho nessa casa tão grande?

- Si. Já acabo?

Fausto, constrangido sem saber se ele se referia às suas perguntas ou ao serviço, apressou-se por terminar a amolação daquela peça. Entregou-a com cuidado ao homem. Ele lhe deu na mão um canivete muito bonito, com cabo de osso trabalhado.

- Fique com ele como garantia. Eu no tenho dinero trocado agora. Quando eu encontrar com o senhor otra vez, le pago e o senhor me devolve o canivete.

- Mas não é preciso... o senhor me paga depois.

- Eu insisto. No lo despreze.

Fausto assentiu com a cabeça e um sorriso.

- Tudo bem. Qual é o seu nome?

- Lúcio.

- Obrigado, Seu Lúcio. Às ordens. Passo sempre por aqui.

“Que figura estranha”, pensou Fausto. Ele observou Lúcio voltar para sua residência, abrindo aquele cadeado que fechara tão cautelosamente sem nenhuma necessidade, pois estava ali ao lado, praticamente. Trancou novamente o cadeado, ao entrar. Andou até a varanda, subiu três pequenos degraus. Viu-o abrir as três trancas da porta da sala. Ao entrar, olhou para Fausto por prolongados segundos, estático, e adentrou, trancando a porta.

Ficou imaginando por que o homem amolara o facão. Certamente não o utilizava na cozinha – aquele facão não era do tipo culinário. E ele não parecia do tipo aventureiro, que fosse fazer alguma caminhada ou desbravar alguma mata. Se era uma peça decorativa, para que amolar? Estava com um sentimento estranho.

Durante esse pensamento, percebeu que estava segurando o canivete com muita força. Estava tenso. Não entendia o porquê - não havia motivo. Abriu a mão e o canivete descansava equilibrado na palma, que estava vermelha com a pressão. Ficou marcada com a bordadura dos adornos. Observou novamente o cabo de osso. Os adornos eram, ele percebeu, muito bem trabalhados para um cabo de osso. Olhou do outro lado do cabo. Havia novamente a figura da caveira tal qual esculpida no facão. Colocou seus óculos de leitura para poder observar melhor os detalhes. Liberou a lâmina e viu que estava impecável. Fechou-a. Olhou de novo para a casa cinza, tirando os óculos. Guardou o canivete na gaveta de seu carrinho, e preparou-se para ir embora.

.....

Dois meses depois, já era época de Fausto repetir o circuito naquelas adjacências, e chegou novamente à Rua Elídia. Era sábado. A primeira coisa que fez foi olhar para a casa cinza. Ficou observando-a por alguns minutos. Era uma casa morta. Não havia vida ali, a não ser a do mato que preenchia as jardineiras do quintal e brotava inclusive entre as rachaduras do cimento. Olhando para a janela principal da casa, pegou seu apito e o soprou, anunciando-se para a clientela. Achou ter visto um vulto na janela. Mas o vulto passou rápido. Não teve certeza de tê-lo visto.

Os clientes começaram a aparecer.

Quando chegou a Dona Fernanda, que era sempre quem sabia das coisas por ali, ele perguntou.

- E essa casa, hein? Da outra vez conheci Seu Lúcio. Mas essa casa é estranha, né?

- Minha Nossa Senhora! O Senhor não brinca comigo, seu Fausto!

Seu Fausto parou de amolar a tesoura da Dona Fernanda e olhou para ela com um sorriso, esperando algo como a conclusão de alguma piada. Ela também o fitava. Então ela continuou:

- O senhor está é brincando comigo, né?

Fausto desfez o sorriso. Entendeu que ela falava sério. Respondeu intrigado:

- Não, de verdade, pois eu conheci ele na última vez que vim aqui!

- Seu Fausto, por favor. Fico até arrepiada. Pare de brincar assim!

- Dona Fernanda, agora eu fiquei preocupado. A senhora é que está brincando comigo? Eu conheci o Seu Lúcio, um rapaz magro, cabelo preto, uns 30 anos. Ele amolou um facão comigo.

Nesse momento haviam chegado perto deles mais alguns clientes que se envolveram na conversa. Fausto e Dona Fernanda, assustados, tentavam entender o que podia ter havido. O outro vizinho esclareceu o porquê do susto de Dona Fernanda:

- Seu Fausto, essa casa está fechada desde o assassinato dele!

*Contava-se que há mais de quarenta anos, a Rua Elídia recebera um estranho morador chamado Lúcio. Boatos apontavam que era foragido da polícia. Veio da Espanha, segundo diziam. Tinha uma vida de hábitos noturnos. Às vezes chegava com uma moça qualquer em sua casa. Depois se soube que ele fugira da Espanha porque havia matado toda sua*

*família. Certo dia, menos de um ano depois da chegada daquele morador, alguém invadiu sua casa para fazer vingança. Lúcio foi encontrado morto no chão da cozinha, degolado.*

- Seu Fausto, o senhor viu mesmo esse Lúcio? Será que não era alguém brincando com o senhor? Dizem que ele aparece quando alguém vai ser morto! Por favor, seu Fausto, nem brinque com isso!

Após todos os relatos, Fausto estava pálido e suando. Ele tremia. Não tinha condição de amolar mais nada. Não sabia o quanto daquilo era apenas lenda. Não sabia se era alguma troça com ele. Abriu a gavetinha de acessórios de seu carrinho e pegou de lá o canivete. Sentiu frio. Chegou-se para perto da mureta da casa cinza e atirou-o no quintal. Escutou o barulho da peça batendo no cimento. Saiu transtornado, com passos apressados, dando uma última olhada naquela casa e abaixando a cabeça, ajeitando a boina, balbuciando qualquer coisa.

.....

Fausto dormia em seu colchão e estava suando, imerso num pesadelo de cenas escuras, das quais não conseguia se lembrar ao abrir os olhos de madrugada. Foi até a cozinha e serviu-se de um copo água. Sentado à mesa, observou as gotículas que se formavam no copo, e passou a ponta do dedo indicador, com delicadeza, na superfície de vidro para fazer algum desenho indefinido. Estava com pensamento fixo na casa cinza, no facão de Lúcio, no que os vizinhos falaram. Deve ter sido esse o pesadelo, mas ele não conseguia se lembrar. Passou as mãos na cabeça e olhou para o copo. Viu no vidro o desenho de uma caveira. Ele segurou o copo e passou o polegar rapidamente, com gestos largos, para apagar aquelas marcas nas gotículas do copo gelado.

- Foi só impressão. – disse para si mesmo. Mas seu coração estava alterado, acelerado.

Ele estava com um arrependimento muito grande, associado a um pavor, por ter jogado o canivete no quintal. Sentia sua cabeça latejando. Sentiu que ouvia o barulho do sangue pulsando por dentro de seu cérebro.

Bebeu o resto da água do copo num gole grande. Olhou mais uma vez para o copo. Um copo normal. Não havia nada de estranho, só seus pensamentos. Deixou o copo sobre a mesa e se levantou.

E o canivete no quintal? Aquilo estava errado. O canivete jogado no quintal...

Ele foi até a janela olhar o tempo. Não estava chovendo. Mas havia o sereno. Iria estragar aquele canivete.

“Ele disse que ia me encontrar de novo.” – pensava. “Quando eu encontrar com o senhor outra vez...”

Deitou-se na cama e tentava racionalizar as coisas. Pode ser um novo morador, simplesmente. Eles podem não ter percebido que a casa fora ocupada de novo. Mas por que um espanhol? Coincidência? Talvez fosse um descendente, um herdeiro. Ele poderia estar aqui para resolver questões sobre a venda do imóvel.

“Será que ele me viu jogar o canivete no quintal?”

.....

Alguns dias haviam se passado e Fausto não estava tendo noites tranquilas de sono. Havia pesadelos dos quais não conseguia se lembrar, onde havia escuridão e penumbra. Havia angústia crescente. Havia um pensamento fixo em Lúcio. No facão amolado. No cabo do facão. Nos detalhes da lâmina do facão. No canivete atirado ao quintal, ao relento. No momento do encontro. – “E meu canivete?” – ele diria. Havia um pressentimento ruim em relação àquilo tudo. Estava ficando com ojeriza à Rua Elídia. Estava ficando irracional em relação a isso.

No fim de um dia de trabalho, Fausto estava naquelas redondezas.

Rumaria para sua casa - já havia anoitecido. Mas ele decidiu passar pela Rua Elídia.

.....

Arriou o carrinho como sempre fazia, alinhado ao meio fio. Seus movimentos eram cautelosos, como se não quisesse que ninguém o ouvisse.

- Por que estou me comportando assim? Qual o problema se alguém perceber que estou aqui? – falava pra dentro de si. Susurros. Suor.

À noite, a casa cinza parecia, ainda mais, uma casa abandonada. Não havia iluminação, não parecia haver nada lá dentro. Fausto se aproximou do muro baixo. Antes de encostar suas mãos nele, olhou para a janela da casa novamente. Agora havia uma tênue luz. E percebeu, só naquele momento, que a porta principal estava aberta. Estranhou que estivesse aberta, dada a fixação que Lúcio parecia ter demonstrado em trancar tudo. Então olhou para o portão do muro e notou que não havia cadeado.

Voltou sua atenção para o quintal. Pegou uma lanterna de bolso e apontou-a para o chão, tentando encontrar o canivete. A luz da lanterna estava fraca, mas naquele pedaço do quintal não havia muito mato. Encontrou facilmente aquele cabo de osso, adormecido e abandonado, aguardando há dias por um resgate. Fausto dirigiu-se vagarosamente até o portão pequeno e deu um passo para dentro. Dirigiu-se sem ruídos para onde estava o canivete. Recolheu-o do chão. A peça estava muito fria. Parecia ser toda de metal - estava gelada. Ele apertou o canivete com força dentro da palma da mão direita e sentiu um certo conforto. Havia fechado os olhos. Sacudiu a cabeça e os abriu.

Voltou-se para a casa cinza e deu passos silenciosos em direção a ela. Subiu os três degraus ante a porta aberta. Colocou o canivete no bolso e entrou.

A sala estava envolvida em uma atmosfera amarelada da luz de uma vela no aparador. Era uma iluminação insuficiente, fraca. Muitos cantos estavam obscuros. Havia um cheiro de mofo no ambiente, misturado ao cheiro de fumaça e cera e a um cheiro metalizado e cítrico que Fausto não soube reconhecer. Fausto aspirou profundamente. Parecia que aquilo era familiar. Estava absorto. Viu um quadro na parede. Uma foto de família, trajes da década de sessenta. Costeletas. Bigodes. Franjas. Quadriculados. Crianças sorridentes. A vela se apaga.

Fausto se vira em direção ao aparador onde estava a vela. “Foi o vento?”

Pegou a lanterna em seu bolso e a apontou para a vela. Viu a fumaça se despedindo do pavio. Apontou a lanterna para o corredor, para o quadro, para a mesa. Algo brilhou. Aproximou-se da mesa e viu o conhecido facão repousando na madeira rústica, talhada.



Pegou o canivete no bolso e o colocou ao lado do facão. Passou a mão sobre as duas peças, numa carícia de admiração. Olhou-as, atenciosamente - eram belas peças. Ele era um amolador de facas. Sabia apreciar peças de cutelaria. Sentia-se satisfeito em restituir o canivete. Voltou-se para apreciar o quadro mais de perto, para identificar se aquelas peças apareciam na foto. Colocou a lanterna na altura de seu rosto e aproximou-se da moldura.

Observando a foto, viu, no segundo plano, uma parede. Começou a identificar algo...

A luz da vela se acendeu e ele ouviu a voz de Lúcio, com seu sotaque espanhol.

- Você gosta das facas.

Ele se virou-se num pulo, assustado, apontando a lanterna para o vulto. Ele viu os olhos fundos de Lúcio refletindo a luz. A luz da lanterna se apagou.

Talvez a pilha fraca.

A lanterna caiu de suas mãos, confusa por entre os dedos trêmulos.

A sala era penumbra, mal iluminada pela vela. Lúcio pairava atrás da mesa. Estava lá o tempo todo? Fausto não sabia dizer. Fausto não sabia como agir.

- De-desculpe, e-eu vim devolver o canivete.

- Você gosta de facas, no es verdad?

A luz da vela se apagou.

.....

Tempo se passou e os moradores estranharam e comentavam entre si sobre a visão de Fausto, contada naquele sábado em que os atendeu amolando facas e tesouras. Rapidamente a narrativa ganhou novos detalhes que não existiram na narrativa original de Fausto à Dona Fernanda.

O fato é que o amolador de facas nunca mais foi visto.

## O COLECIONADOR DE PEDRAS

Elias Araujo

Um dia, sem mais nem menos, meu pai começou a colecionar pedras. Mas não eram pedras preciosas ou, no mínimo, bonitas. Trazia para casa qualquer coisa que encontrasse em qualquer lugar, a qualquer hora.

A primeira pedra, que ele chamou de “a *mater* de todas”, numa espécie de falso latim mesclado com português, encontrou no jardim da fábrica onde trabalhava há 20 anos como inspetor de qualidade. Era uma rocha porosa, meio marrom, meio amarelada, de um amarelo sujo, não sei, não consegui identificar direito. Mal lhe cabia na palma da mão. Colocou-a sobre a mesinha de centro da sala, onde estávamos assistindo Malhação. Sentou-se espremido entre mim e meu irmão mais velho e ficou sorrindo para a pedra, com um jeito de quem não estava nos vendo.

— Pai. — minha irmã, jogada desconfortavelmente em uma poltrona, chamou-o e começou a rir. — Que isso, pai?

— Um meteorito. — disse, sorrindo, como se acreditasse. — Caiu na minha frente agora há pouco. — e riu do nosso espanto. — Vocês são bobos, é? Não tão vendo que é só uma pedra. Tropecei nela lá na fábrica, achei bonita, trouxe pra estudar ela aqui.

— Ai, pai, era só o que faltava! — riu meu irmão, amargo como a intolerância.

Papai ajustou a mochila nas costas, pegou a pedra e foi para dentro. Então dividi meus ouvidos entre os diálogos da Malhação e a voz alteada de mamãe dizendo algo sobre “ficando velho, ficando bobo” e pior, “não traz nada que presta pra casa, tô cansada...”

A frase predileta de mamãe era dizer que estava cansada. E então já nem ligávamos mais. Ouvi a porta do quarto bater e pude adivinhar papai sentado na cama, a pedra girando nas mãos para servir de cobaia ao seu estudo. Só não consegui entender, nem naquele dia nem nunca, o que papai queria ou poderia descobrir naquela ou nas outras pedras.

A segunda pedra era bem menor do que a primeira. Na verdade, tão pequena que quase não a víamos. Parecia uma dessas pedrinhas transparentes encontradas na areia grossa das construções. Chegou eufórico, com a mochila displicentemente pendurada a tiracolo, a pequena rocha presa entre os dedos indicador e polegar e o sorriso bobo no rosto que começava a envelhecer.

— Olhem só o tamanho desta pedra, meninos! — disse ele.

Olhamos. E olhamos. E só. Não vimos nada.

— De novo essa história, pai? — disse meu irmão.

Minha irmã ignorou-o. Eu dividi minha atenção entre a Malhação e o rosto do meu pai, tão feliz com a sua descoberta. Tentei disfarçar minha impaciência com aquilo, um estorvo bem na hora do nosso programa preferido. Queria que ele entrasse logo.

— Como chama essa pedra, pai? — perguntei somente para ele não ficar constrangido.

— Não sei ainda, filho. Mas olha como é fantástico: as pedras foram praticamente os primeiros habitantes do planeta.

Falava com admiração, como um geólogo investigando a origem e os elementos formadores das rochas. Coitado! Senti tanta pena dele. Mamãe chegou da rua com duas sacolas de compras e disse, amarga, que aquela pedra era do mesmo tamanho do cérebro dele. Ele apenas riu, ajudou-a gentilmente com as sacolas e foi para o quarto.

Passou a chegar todos os dias — sempre à mesma hora em que assistíamos à Malhação — trazendo uma pedra. Desde um simples pedregulho até alguma que ele dizia ser mais elaborada pela natureza. Com o tempo acostumamo-nos com isso, nem olhávamos mais quando entrava pela porta da sala. Vez ou outra eu levantava a cabeça da minha profunda preguiça e fingia interesse. Já nem escutávamos mais as palavras ferinas de mamãe.

— Meu Pai do Céu! — exclamava ela. — Esse homem vai abrir uma pedreira, vai?

— Vou fazer ensopado de pedra pra você, eita homem tonto!

Nossos olhos cruzaram-se no corredor certa tarde. Ele vinha cabisbaixo, girando outra pedra na mão direita. Eu tinha acabado de comentar sobre a loucura dele ficando atrás de pedras sem valor. Minha irmã estava saindo da sala. Malhação acabara. Ela dizia qualquer coisa sobre interná-lo e mexer com os papéis para mamãe receber pensão em seu nome.

Meu pai não disse nada. Apenas acariciou-me olhos com os dele sem qualquer ira ou ressentimento. E entrou no quarto. Aquele olhar carinhoso e indulgente causou-me mais dor do que se ele tivesse me agredido. Não sei por que, não entendi o que se passou. Fui para o quarto que eu dividia com meu irmão, deitei-me e fiquei olhando para o teto, tentando construir, mesmo que fictício, um significado para as pedras.

No jantar não consegui encará-lo, seria penoso enfrentar seu olhar imperturbável, amando a mim e aos meus irmãos sem impor condições de espécie alguma: nem de medo, nem de respeito, nem de reciprocidade ao seu sentimento de pai. Como sempre, fizemos nosso prato e fomos para a sala assistir TV. Papai e mamãe permaneceram na mesa da cozinha, alimentando-se do próprio silêncio matrimonial.

Com o tempo as pedras começaram a se acumular pela casa: grandes, pequenas, feias, bonitas. Em todos os cantos começamos a tropeçar nos achados do meu pai. Passávamos o dia lembrando-nos dele por causa disso. Reclamávamos uns com os outros. Chegamos a cogitar junto com mamãe a nos livrar daquela coleção de pedras. Mas concluímos que não resolveria o problema, porquanto o colecionador estava entre nós.

Todo santo dia mamãe admoestava-o severamente. Estava cansada daquilo, daquelas esquisitices.

— Homem tonto! — exaltava-se. — Ou você para de trazer essas porcarias pra casa ou vou jogar tudo no lixo.

— Não mexe nas minhas coisas! Eu não mexo em nada do que é seu, por que você quer mexer no que é meu?

Ele gritou. Pela primeira vez o ouvimos falar alto com ela. Chegou a dar um tapa na mesa. Ouvimo-la resmungar um “vá pro inferno, então”. Depois mais nada. Meu pai voltou ao que era após aquele arroubo.

Nesse entretanto, ele parou de entrar na casa pela porta da sala para nos mostrar as pedras. Acho que se cansou da indiferença de minha irmã; da agressividade do meu irmão; e do meu olhar de falsa piedade. Chegava do trabalho e ia direto pelos fundos onde entrava pela porta da cozinha. Geralmente mamãe estava lá, começando a preparar o jantar da família que nunca fazíamos em família: éramos nós, os filhos, na sala, espalhados pelo sofá e poltronas, e papai e mamãe na cozinha no mais mudo silêncio. Às vezes, meu pai ficava sozinho na refeição, quando a novela interessava à mamãe.

Uma vez ele ficou tantos dias sozinho na hora do jantar, que me senti incomodado, como se um fantasma rondasse a casa, vindo dos fundos. Olhei para meus irmãos e para minha mãe disfarçadamente. E me levantei.

— Nossa! Ninguém merece! — exclamei minha falsa justificativa. — Essa novela tá cada vez pior.

Ninguém disse nada. Segurei firme o meu prato e fui para a cozinha. Papai estava sentado, mastigando um pedaço de carne. O garfo em uma mão. Uma pedra marrom em outra. Parecia absorto em um estudo importantíssimo. Sentei-me à sua esquerda e seu sorriso causou-me um mal estar inexplicável.

— Olha esta pedra, filho? É pouca coisa menor do que a “mater”, mas é tão leve como isopor.

Peguei a pedra. Seria mesmo pedra? Senti o peso e a textura estranha. Resmunguei algo sobre ser diferente mesmo e a devolvi. Acho que não o convenci no meu fingir interesse.

— Sabe, filho, quando realmente começamos a viver, a gente planeja nossa vida como esta pedra, né? Grande e leve. Depois o tempo passa, a gente sente que precisa trabalhar, pegar no pesado, criar os filhos. A gente para de viver pra tentar continuar vivo.

Ele riu e continuou a observar a pedra. A comida esquecida no prato. Mas tudo bem, também abandonei meu prato. Há muito tempo mamãe não caprichava nas panelas. E meu pai parecia embriagado pelas pedras.

Nessa mesma noite, depois de lavar a louça para minha mãe, meu pai foi para a sala. Colocou a pedra leve junto com outras dez sobre a mesa de centro e perguntou casualmente se já tinha começado o Jornal Nacional.

— Ainda não. — respondeu mamãe automaticamente.

— Ih, pai, nem vem! — retrucou minha irmã. — Eu vou assistir à novela do SBT.

— Aquela que já passou três vezes? — brincou papai.

— E eu tô indo pegar minha mina! — disse meu irmão, levantando-se.

Quando abriu a porta, parou ao ouvir a voz de nosso pai:

— Filho, toma cuidado! Você é muito novo. Não se esquece de usar camisinha.

— Eh, pai! Desencana, veio! Mente fresca aqui!

E saiu.

Pouco tempo depois, semanas eu acho, tive que mudar de quarto, dividir o outro com minha irmã, o que foi um sacrifício indescritível. A moça, que nenhum de nós conhecia, veio morar com meu irmão, grávida de dois meses. Nossa vida mudou, a rotina nunca mais foi a mesma.

A antipatia entre nós e o novo membro familiar foi quase instantânea. Porque ela adorou a coleção de pedras do meu pai. E ele viu nela uma espectadora para suas elucubrações e discursos sobre a propriedade das rochas que formavam nosso planeta desde os primórdios. E então passavam muito tempo discutindo sobre o assunto.

— Era só o que faltava! — dizia mamãe. — Mais uma louca de pedra nessa casa.

Como tudo que começa errado dificilmente se acerta, meu irmão e a mulher começaram as brigas. Ciúmes. Excesso de responsabilidade. Saudades da vida livre.

— Você não vai sair desse quarto pra encontrar essas... essas...

— Ah, vá se ferrar! São minhas amigas! Você não tá ficando com meu pai? O que é que tem eu ficar com as minas?

Ouvimos os gritos lá da sala. A casa era pequena, então uma conversa mais alta já era ouvida. Sem dizer nada, meu pai levantou-se, deixou a sala, deixou a casa. Quando regressou três horas depois, trazia uma sacolinha plástica cheia de pedras. Parecia empolgado, rindo à toa. Nunca tinha trazido tantas pedras de uma vez só.

— O senhor só fica atrás dessas porcarias, pai! — agrediu minha irmã. Estávamos só nós dois em casa. — Nunca tá aqui pra ajudar.

Contei-lhe então que o casal havia brigado feio, primeiro entre tapas e beijos, depois entre tapas, socos, pontapés e puxões de cabelo. Tivemos que chamar o SAMU e algum vizinho discou 190. Minha cunhada teve hemorragia, estava na UTI e provavelmente havia perdido a gravidez de seis meses.

Pela primeira vez vi os olhos de meu pai chorarem uma ou outra lágrima. Ele abaixou a cabeça e foi para o quarto com sua sacolinha de pedras.

Meu irmão passou alguns dias na cadeia. Perdeu o emprego. Minha cunhada voltou para a casa da mãe. Depois meus pais pagaram um advogado que conseguiu a liberdade provisória dele. E a vida tentou voltar ao normal, como se nada tivesse acontecido.

Com o tempo meu pai começou a incomodar as visitas. Toda vez que chegava alguém em casa, ele arrastava de cômodo em cômodo, mostrando os cantos que havia montado para sua coleção. Discorria apaixonadamente sobre as pedras e suas propriedades: cor, forma, tamanho, peso, aparência, durabilidade. Parecia uma criança com seus brinquedos novos.

As pessoas riam dele, umas divertidas, outras com escárnio, outras ainda fascinadas por sua paixão. Mas aquela paixão tomava conta da casa paulatinamente, preenchendo todos os espaços vazios que encontrava: nos quartos, na sala, na cozinha, no banheiro.

Mas não por muito tempo.

No fim do ano ele ficou uma semana fora. A empresa escolheu-o para participar de um curso de formação em liderança. Um dia após sua partida mamãe começou a fazer faxina em casa. Tirava tudo do lugar, com a ajuda nada voluntária de minha irmã. Em certo momento, sem ela saber como, a “mater” caiu sobre seu pé, ferindo o polegar.

Lembro-me de ouvir seu grito e sair correndo para vê-la sentada na cama, chorando. Mas não de dor. A raiva do momento deu-lhe forças para pôr em prática uma decisão já tomada: a faxina foi completa.

E quando meu pai voltou de viagem num domingo, estava tão feliz e empolgado que demorou alguns minutos a perceber a ausência. Trazia na mão uma mala que deixou cair no chão da sala e começou a mostrar o que trazia na outra: um tipo de quartzo, a pedra mais bonita que já trouxera para casa.

Ao perceber que a mesinha da sala estava vazia, deu-se conta de que havia algo errado. Percorreu toda a casa, dentro e fora, transtornado e calmo ao mesmo tempo. Voltou para a sala, pálido. Mas não era uma palidez doentia: era melancólica.

— Cadê minha coleção? — perguntou. Parecia uma criança perguntando pelo brinquedo.

— Olha o meu pé, homem de Deus! — esbravejou minha mãe, mostrando o pé enfaixado. — Quase quebrei meu dedão com essas suas pedras. Joguei tudo fora e vou jogar toda pedra que entrar nessa casa.

— Ah! — fez ele, decepcionado. — Jogou fora? Tá, tudo bem. Jogou, jogou! Fazer o quê? — perguntou retoricamente e virou-se para entrar. Mas postergou por alguns segundos. — Sinto muito, não era minha intenção machucar ninguém. Sinto muito...

Agarrou o quartzo firmemente, como se temesse perdê-lo. Aquela foi a última vez que ouvimos sua voz. Começou a sair do trabalho e não vir direto para casa. Chegava quando todos já dormíamos. Saía antes de acordarmos. Numa dessas madrugadas pulei da cama ao ouvir seus passos silenciosos. Estremunhado, corri até a porta da sala que ele acabara de abrir.

— Pai... — chamei e ele esperou sorrindo. — O que aconteceu?

Puxou-me para ele e beijou-me a testa, como não fazia há muito tempo. Senti-me incomodado com o gesto, quis desvencilhar-me, mas de repente senti pena. Dele e de mim também, por não saber se o amava ou se o tolerava.

Meu pai nunca mais voltou para casa. Mamãe só resolveu ir à polícia após uma semana. Procuramos por toda parte. Na empresa disseram que ele fizera um acordo para sair sem perder o Fundo de Garantia. O dinheiro, descobrimos depois, fora depositado na conta poupança que mamãe possuía.

Um mês, dois meses, três... O tempo passava sem qualquer vestígio ou pista. Em casa começamos a nos incomodar uns com a presença dos outros. Os olhos se encontravam e enchiam-se de tristeza, uma sensação de vazio, de coisa oca, de pão sem miolo.

A primeira e única pista que apareceu levou-nos diretamente para ele. Diziam que havia um homem no Parque do Basalto abandonado a 130 km. Um dos irmãos de meu pai levou-nos de caminhonete. As pessoas comentavam que o homem dizia ser um

coleccionador de pedras e viera parar ali por ser um paraíso delas. Contaram que ele fazia pequenos serviços nos bairros vizinhos em troca de comida.

Percorremos a pé o parque abandonado, cheio de subidas e descidas íngremes. Um pequeno riacho cristalino cortava o local, vindo da mata. Gritamos com todo nosso fôlego, mas ele não apareceu nem respondeu. Procuramos durante dois dias com a ajuda da polícia, dos bombeiros e dos vizinhos do parque. Nunca o encontramos.

Voltei várias vezes ao local, sempre com a esperança de que eu, estando sozinho, seria recebido. As pessoas diziam que ele continuava por ali. Um dia tive a impressão de ter visto uma sombra na beira da mata. Corri para lá, gritei “pai!”, mas só o vento e os pássaros responderam. De dentro da mochila que eu trazia retirei a pedra “mater”, que eu salvara da raiva de mamãe. Delicadamente coloquei-a sobre uma rocha grande na beira do riacho.

— Adeus, pai... — murmurei e fui embora.No dia seguinte voltei lá, numa última esperança. Meu coração acelerou. A pedra “mater” havia sumido, talvez levada pelo vento e pelos pássaros da mata.Nunca encontramos meu pai.

## **OUTRO LADO DO CINEMA**

**Priscila de Lima Catão de Andrade**

Acordo de manhã cedo para pegar chão, e minha preguiça nada muda esse estado de coisas. Devo trabalhar. Está frio, e minha cama é bem mais convidativa. De carro, uns 40 minutos. Muito chão. Com uma overdose de café, desperto. Tenho que trabalhar. Trabalho porque é o jeito.

O dia ainda é noite, mas no meio do trajeto vejo o céu se desescurecer. Ou mesmo não clarear, devido às nuvens carregadas. Às vezes, ainda pego chuva. Quando brancas, as nuvens se formam em formas diversas, pintando um céu abstrato. Isso até me distrai. Penso em outras coisas que não doses de amitriptilina ou notificações compulsórias. Quem sabe música, quem sabe o noticiário. Os locutores são meus passageiros. Estão acordados, como eu.

Esse é meu caminho diário, minha rotina matinal. Nesse caminho, já me imagino no caminho de volta, em qual diversão terei após o trabalho. Um cinema? Decidido: um cinema! Um repousar-se sobre a cadeira ortopedicamente ajustada para as colunas pagantes, um desmanchar-se poltrona afundo, como que refletindo o murchar do corpo inteiro, provocado pelo agradável friozinho nos ossos de um ambiente climatizado; um olhar tela adentro, observando, sem notar, a projeção seqüencial de imagens que nos dá a impressão de que tudo é contínuo, e enfim a abstração da mente e o descanso do corpo. Um direito que eu tenho depois de um longo dia de trabalho.

Tenho dias de trabalho, assim como os têm os pacientes que me vêm à consulta, assim como os têm seu José (chamá-lo-ei de José), que, neste dia, falta o seu trabalho para que eu exerça o meu. Atendo seu José, homem de meia idade e de meio sorriso, um sorriso abatido, fraco, tal qual seu corpo que abriga, espalhadas, suas dores. Lombalgia, cervicalgia, artralgia... “Que mais?”. Seu José fala de como é dura sua vida, de como há anos batalha para sustentar mulher e filhos, e de como, na última semana, seu corpo gritou mais alto, de dor. “Na hora até fiquei travado, doutora”. Seu José é pedreiro de longa data, “sou fichado na empresa”. Ouço-o, examino-o, prescrevo e explico: “Para melhorar, vai precisar de repouso. Quanto mais forçar essa coluna, mas dolorida ela vai ficar. Evite pegar peso e fazer longas caminhadas”. Seu José apenas ouve, mas sei o que pensa: “Mas como, doutora, se acordo de manhã cedo para pegar chão, vou a pé para o serviço, subindo e descendo ladeira, às vezes ainda pego chuva, e lá, só o que faço é carregar peso? Não posso ficar parado. Tenho que trabalhar. Trabalho porque é o jeito.”



Repouso, só em curto prazo. Medicções, somente as fornecidas pela rede de saúde. Exames, só daqui a dois meses, devido à grande demanda de pedidos. Tudo vai demorar, e a dor do seu José vai demorar a passar. A dor do seu José talvez sane de tanta dor, pois a dor, quando é tanta, chega até a adormecer. Papéis em mãos, seu José sai do consultório com um corpo cansado e uma coluna encurvada, mas com um ar de contente, pois receberá “remédio de graça” e “ganhará” alguns dias de atestado. Antes da despedida, seu José me conta sobre seu novo local de trabalho, ao lado de um shopping. Uma construção de uma rede de cinema, “com mais de dez salas, doutora!”.

A vida é mesmo uma senhora irônica.

“Próximo paciente, por favor?”.

## ROUPA ÍNTIMA, AMOR FELINO

### Dênisson Padilha Filho

O gato é um animal idiota e presunçoso, pensa-se de beleza irresistível e acha que o homem o compreende só de olhar. Ora, o homem é outro idiota, cego, que nem sabe pra que lado ir; como vai entender um gato? Era como eu pensava.

Estava vivendo de um resto de economia. Entreguei o quarto-e-sala e agora vivia no quartinho de zelador do mesmo prédio. Já estava na segunda parcela do seguro-desemprego. Eu andava trocando de emprego. Dessa vez até demorou um pouco mais. Fiquei revisando e produzindo conteúdo num periódico de bairro, esses jornaizinhos bancados por anúncios de quitandas e salões de beleza.

Na certa, boa parte desse ódio que eu sentia era por causa dos gatos que se amontoavam no portãozinho do prédio. Eu chegava bêbado e, com dificuldade tinha de achar a fechadura do cadeado e ainda cuidar pra não pisar num deles. *Hoje não quero nem saber; se pisar na cabeça de um deles, foda-se*, pensava. Mas não conseguia; sempre que chegava, procurava o chão entre aquele mar fodido de gatos na entrada do prédio. Um dia acertei o rabo de um deles e senti o estalo debaixo da sola. Vomitei feito uma mocinha. Odiava gatos.

\*

- E esse monte de livros?
- Não vou levar. No quartinho do térreo só cabe a cama e o criado-mudo.
- E o que faço com eles?
- Lixo, ué. Não tenho mais onde guardar.

Não sentia tanta culpa em me livrar da minibiblioteca que tinha. Aqueles livros remontavam ao curso de Letras com Francês, minha graduação. Havia algo em comum entre desprezar uns chatos da literatura francesa e odiar gatos, são igualmente boçais.

O difícil era ficar sem ler, ou mesmo reler. Salvei alguns contistas uruguaios e mexicanos e uns poucos romances curtos norteamericanos. Não tinha muito jeito a dar, o dinheiro só garantia o aluguel do quartinho e as rações diárias de pão, sardinha, ovos (quase diárias) e bebida. A conta do bar nem aumentava nem diminuía; sempre sobrava um troquinho pra eu amortizá-la e seguir na fidelidade ao velho.

Quando um homem está num *outono* desses, nada parece uma merda. Ele não sofre pra comer melhor porque sabe que não alcança; e se quer ficar bêbado nem sonha mais com cerveja gelada ou coisa do tipo. O máximo que ele faz é almejar um pouco de gelo pra colocar no conhaque. Não dá pra pensar em mulher, a menos que uma ex apareça, carente e formigando.

- Terminou com ele? – perguntei.
- Terminei faz uns dias.
- Sentindo falta?
- De sexo sim, a você eu posso dizer.

No máximo isso. Trepar com uma ex é pra mim algo tenso, pode dar merda. Um homem não se afasta de uma mulher por falta de amor, mas porque ela encheu sua

paciência. Por isso, não dá pra ficar trepando com uma ex por muito tempo; se eu facilitasse, estaria de novo com ela e isso eu não ia aguentar. Preferia focar em arrumar novo ganha-pão ou solução pra falta do que ler. Acordei quase bêbado ainda e com uma criatividade nível zero sobre o que começar. Pensei na minha mãe, metida agora, coitada, num grupo da terceira idade lá do interior. Deve estar orgulhosa do filho e vendendo vaidade nas reuniões vespertinas do salão paroquial. É sempre assim, o homem está de lama até as canelas, tentando não afundar mais, e finge que está só bailando.

Com exceção do portão da rua, o prediozinho era todo corrompido em seus depósitos de lixo de material e caixas de correspondência. Havia aquela dona que morava no primeiro andar; bem que de vez em quando poderia me mandar uma refeição, como fazem com zeladores, ou quem sabe me chamar pra tomar alguma coisa e ouvir Nelson Cavaquinho em vinil. Nelson, sim, era um cara classudo, dava um clima a qualquer sofrimento. A mulher tinha esse hábito e mais alguns, sua caixa de correspondência era sempre a mais gordinha, cheia de revistas, encartes, eu supunha. Agências de viagens, lojas de departamentos e de eletroeletrônicos devassam nossas horas, querem nossa última gota pra mover a roda, aí mandam toda semana aquela enxurrada de catálogos.

Não gosto muito do que Oscar Wilde disse sobre roubar. Acho mais digno pedir, mendigar; é mais seguro. E tem a coisa do sangue e da religião, que proíbe, mas a verdade é que meu tédio andava falando alto e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito, ao menos naquele momento. Tentei achar alguns livros no lixo, mas já haviam levado tudo. Os gatos do entorno agora viviam melhor que eu. Olhe aquela roda de gatos, todos irmanados na mesma causa; e agora olhe pra mim, lendo Arregui de trás pra frente pela enésima vez. A questão não é a obra dele, mas me ver pior do que aquela gang de gatos é algo infernal.

Nelson Cavaquinho tocava *Palhaço* no primeiro andar e nossa musa devia estar dando um jeito na casa, coisa rápida. Desceria em meia hora, no máximo. Eu tive de ser ágil. Nossa, que vergonha; subtrair correspondência alheia. Enchi a mão, dois, três envelopes grandes, e voltei pro quarto. Joguei lá e saí de volta. Ela vinha descendo, toda gostosa com dois gatos de merda na escolta. Não dá pra ser feliz sabendo que a dona daquele rabo sensacional dá mais moral pros gatos do que pra você, mesmo assim, precisava ser simpático; ela passou e eu sorri, ela também.

Taí, pra quem anda sem fazer nada, a manhã de sábado é um alívio. Dá pra sair de cabeça erguida. Quem olha de longe numa manhã de sábado não me distingue de um bancário passante. Dá pra tranquilamente sair seguindo as mulheres entre uma e outra banca de frutas pelas ruas estreitas do centro; secar cada dobrinha sem ser flagrado. Não iria perder essa, como nunca perdi. As revistas esperariam um pouco.

Estava lá, o bairro, o prediozinho, cheio de gatos e seus moradores moribundos formando toda a cena pra eu desfrutar ao longo de um sábado e um domingo no boteco do velho. Bom, não? Tomei umas por conta do crédito no boteco do velho; isso durou o dia inteiro, até o início da noite. Segui bêbado pro quartinho e os filhos-da-puta dos gatos lá no portão, como sempre.

Há algo de muito sagrado numa manhã de domingo e isso nada tem a ver com a bela missa do Mosteiro de São Bento. Havia sempre uma meia dúzia de desocupados buscando iluminação na porta do mosteiro aos domingos. Queriam uma visão dos céus e nada de calhorda havia nisso; ficavam ali esperando os cânticos dos monges se calarem e o mulherio devoto sair, nocauteado de bênçãos. Eu era um desses vagabundos. A música ainda ecoava longe dentro da cabeça quando a mancha de fiéis descia as escadas e se amontoava ali na frente. Fui pra lá pra tentar vê-la; já andava desconfiado que ela frequentava missas, saía arrumada de manhã e tomava o rumo do mosteiro. Fiz isso algumas vezes; calculava o final da missa e ia ainda amassado da noite anterior. Aquela dona orava por quem? Pedia saúde aos gatos que enchiam meu saco nas escadas do prédio, no portão. Ela era o tipo de mulher que não olha pros lados, por que iria me notar na porta da igreja?

A verdade é que eu precisava de um punhado de artigos de primeira necessidade e não vinha me dando conta disso. Precisava de ao menos uma refeição diária decente, de um canto pra morar que não fosse o quarto do zelador, de um emprego, tolerar os gatos e, sobretudo, precisava de uma paixão. O homem passa frio, recebe goteiras e mofo na masmorra em que vive, mas começa a secar por dentro mesmo é quando lhe some a paixão. Agora eu vivia assim, secava por dentro quando comecei a ver algo mais nas curvas da 'dona'. Ela não era só uma gostosa, desimpedida; ouvia boa música, tinha um rebolado e tal; e pra melhorar, tinha onde cair morta. Se eu conquistasse seu coração, ganharia, de quebra, um teto. Não seria nada mal, aos poucos poderia reaver um acervo de livros, comprando aqui e ali nos sebos da cidade; ou talvez ela também já tivesse seus livros lá. Resumindo, ela era sensacional, de longe, a melhor pedida do bairro. Sabe quando você se vê diante de uma alternativa – a mais óbvia agora – e pergunta, por que não pensei nisso antes? Pois é. Ela era uma mulher graúda, robusta, qualquer roupa caía bem naqueles quadris; e era uma cabeleira negra. Uma freira que desistiu do convento em tempo, mas segue devota, cabelos longos, à guisa de véu sob a pela branca. Mas o que mais me fascinava era saber que era uma mulher limpa; a casa devia ser organizada. Era minha chance de finalmente dar um jeito na vida. Naquele domingo venerei sua lascívia divina o mais que pude. Da porta da igreja, saí seguindo aquelas curvas santas, depois entrei no boteco do velho. Tomei posse de uma mesa e lá terminei o domingo. Não tive fome hora alguma; só um torpor destilado e ela pulsando em meus olhos.

\*

Dava pra ver, nossa musa do primeiro andar tinha *finèsse*. Não me peçam pra definir o que é isso porque não sei; só posso dizer que se estamos todos numa jangada podre, ela ao menos não mostrava aflição nenhuma em relação a isso. Ouvia sua música, usava roupas limpas até pra ir à farmácia, vivia com solenidade.

Acordei na segunda quase ao meio-dia. Pelo menos economizei uma refeição. Tomei um analgésico, bebi um litro de água e fui conferir os seis envelopes grandes que roubei da mulher. Fiquei na horizontal, a barriga ardendo de fome, o foco visual tremia da ressaca, mas estava satisfeito, lendo umas crônicas que alguns imortais fizeram às pressas pra

mandar pra revista. Entre textos de escritores e atrizes de novela arvoradas a escritoras, acho que li uns oito textos pra lá de horríveis.

Achei era hora de tomar um banho e sonhar com ela debaixo do chuveiro frio. Acordei do sonho, saí do banho, estava fraco, mas agora me sentia vivo. Abri uma lata de sardinha, fiz um sanduíche. Agora já dava pra sair do quartinho, enfrentar o cerco de gatos lá fora e conferir o boteco do velho. Já devia ser umas cinco da tarde e o quarto me sufocava o suficiente pra eu acelerar, como se estivesse atrasado pro trabalho. Saí do quartinho, vi um séquito de gatos descendo atrás dela e mais outros no portão; mas aquilo nem foi a visão terrível. Visitei o inferno e beijei mil demônios mesmo quando minha diva de quadris de seda deslizou sua beleza pelo pátio, abriu o portão e foi recebida por um cara de barbinha rala e camisa xadrez um número menor. Aquela visão fodeu comigo, sobretudo porque eu sei o que significa um encontrinho de fim de tarde em plena segunda feira, todos nós sabemos. Da porta do quartinho observei-a entrar no carro e beijar o sujeito, passando a mão, espalhando suavidade pela nuca do filho da puta. E agora, Papai do Céu, de onde mais vai subtrair desse seu bonequinho de carbono?

O bonitinho arrancou no carro, levou minha *chica*, e pra mim, o que restou foi um prédio caindo no crepúsculo. Ainda da porta do quarto eu via, lá em cima nos andares, os moradores lacrando as janelas, pondo as sopas pra esquentar, se preparando pra hora da novela. A mim, restava o rumo magnético do boteco do velho, por que não? Cruzei o caminho até o portão, passei pelo mesmo oceano de gatos esparramados, pra me enojarem, me fazerem piada. Um deles – devia ser o chefe – deu um miado longo e rouco quando passei. Devia estar dizendo, “lá vai o perdedor, encher o rabo de bebida por uma mulher que nunca foi dele”. Mas eu não liguei, eu tinha pressa e, afinal, quem liga pro que um gato diz?

Em todo boteco há um pouco de carinho de mãe para com seus assíduos. Você senta no bar ou joga sua tonelada de dores no balcão e ele lhe põe uma dose como se dissesse, “esqueça, filho, amanhã as ruas estarão cheias de flores”. Não é impossível, mas é muito difícil encontrar um garçom simpático quando se pisa num bar pela primeira vez. Se você volta no dia seguinte não. Aquilo pra ele é um elogio e ele retribui com gentileza. Na primeira vez você é só mais um aventureiro tentando se refrescar, e garçons detestam aventureiros.

No boteco do velho não. Eu me sentia aconchegado. Fiquei sentado, mirando meu conhaque no copo e pensando naquela mulher. Deviam agora estar parados num semáforo. Os dois latejando dentro do carro. O sujeitinho, cheio de gracejos, brincando os dedos naquelas coxas. Ela fazendo cafuné na nuca do galãzinho. Era demais pra mim, saber que agora estavam ateando fogo no sofá-cama dele ou numa cama de motel qualquer. Bebia minhas doses e via as meninas passando da aula ou do trabalho, mas eram todas em preto e branco e sem cheiro pra mim. Mas, o quê tinha cheiro? A mulher do primeiro andar, agora em outros braços?

Precisava apagar, desligar totalmente por algumas horas, esquecer aquela mulher que nem me enxergava.

Pedi ao velho pra me liberar a garrafa que estava pela metade; concordou em fazer um precinho. A noite começava a ficar cinzenta demais pra eu ficar tranquilo e logo-logo cairia uma chuva grossa. Naquela noite estava decidido, que nenhum gato se colocasse em meu caminho. Fui seguindo com a garrafa na mão, meio ágil, antes que a chuva me pegasse. Não tem nada mais ridículo que um bêbado de passo acelerado. Faltavam vinte metros pro prédio e já pude ver a roda de felinos. Parei debaixo do poste e fiquei olhando aquilo. Encontrei naqueles gatos certa semelhança comigo; é verdade que tinham mais pose, e o portãozinho do prédio era o boteco deles, mas de resto eram iguais a mim, amávamos a mesma mulher. Não durou muito e o carro encostou. Ela demorou um pouco de descer, ficou gastando mais um pouco sua maciez nas mãos do maldito. Depois tomou o rumo do portão, os gatos em redor. Pensei de novo em minha mãe esquecida no interior do estado, esperando por uma nora decente. Aquela ali, mamãe, acho que nunca será; ela é boa demais pro seu filho aqui, que nunca se importou com nada. A chuva foi implacável e caiu pesada; os gatos sumiram e eu passei apressado pro meu quartinho; folhear umas revistas talvez fosse uma boa. Tomei um gole largo do conhaque e peguei um envelope grande. Lá no primeiro andar, ela se despia e entrava num chuveiro quente.

A chuva castigava o mundo naquela noite, e eu dentro de minha bolha todo encolhido. Há quem diga que a paixão também nos apequena e eu estou com eles nisso, porque naquela hora eu era um grãozinho de gente amedrontado e cheio de reverências àquela deusa.

Deitei na cama com o envelope, abri; pra minha surpresa era um catálogo de calcinha e sutiã, cada peça mais linda que a outra. Folheei mais um pouco, mas nem sinal de uma peça transparente. Meu Deus, meu desamparo é grande demais pra este quartinho, pensei, e só me resta ouvir as águas caindo; a chuva, o chuveiro quente no busto dela.

Dei mais um gole no conhaque, continuei folheando e vi, ela se banhava lá no primeiro andar, mas posso jurar, estava na página 16. As peças nem eram curtas – mulher de respeito – mas mostravam suas coxas potentes; ela usava algo como camiseta de dormir e nesse conjunto roçava um dos pés pela cabeça de um gato à sua frente. Entendi, ali estava ela, em casa, no prédio cercado de gatos, mas também estava comigo na página 16, aquela pele de nuvens claras, vestida nas peças íntimas e com um gato curvado a seus pés, como eu. Entendi, dona, amanhã eu me levanto, leio mais dois textos das revistas que lhe furtei, passo no boteco do velho, há algo além nesse mundo? Entendi, princesa, o filhotão aqui vai ver você descendo outra vez as escadas escoltada pelos gatos; ah, como eu amo esses gatos; assisto a você saindo, mas abro a revistinha de roupa íntima, cheio de amor pra dar e a gente se encontra aqui, na página 16; você, os gatos e eu, com meus olhinhos de bicho assustado. Entendi, será assim pra sempre.

## O TEMPO É SENHOR DA RAZÃO

Rodrigo Terra

Tinha um carrão azul com rodas pretas que puxava pela rua com um orgulho de pai. Com um singelo barbante amarrado no furinho próprio que ficava na dianteira do brinquedo, não é que ele se sentisse, mas que se soubesse o mais feliz dos garotos de quatro anos. De tantos outros carros que tinham passado pela sua mão, arrancava as suas quatro rodas para lhes desafiar a essência ou lhes escancarava as entranhas para descobrir o que ocorria dentro deles. Este, não.

Tinha uma avó que morava do outro lado da rua. Achava estranho que todos se alegrassem tanto em visitá-la. Não ia com o semblante fechado da velha maquiada nem o ambiente tenso e arrumadíssimo do seu apartamento. Quando ia visitá-la, levado pelas primas mais velhas, atravessava a porta e já se sentia o mais entediado dos mortais. Não participava das conversas, não se interessava pelo que acontecia, não via a hora de ir embora. Só uma coisa, como um ímã, lhe atraía a atenção: o pêndulo do velho relógio em cima da escrivaninha de madeira marrom escuro na sala de jantar.

O tempo parava enquanto o tique-taque da antiguidade o hipnotizava. Gentilmente ia sendo atraído para as cercanias daquele acontecimento, tique-taque, tique-taque, tique-taque. Até que, como um gato que dá o bote em sua presa, com o seu dedinho, quase em transe, travava o pêndulo. A avó, constatando o malfeito, fechava o tempo, como este infeliz tem a coragem de quebrar o meu relógio bizantino, como ousa vir até a minha casa e causar esta desarmonia no ambiente tão calculadamente equilibrado? E deitava no garoto seus olhos enormes, aqueles enormes olhos negros, eternamente embrutecidos de franca reprovação.

A primeira vez do acontecido era uma tarde cinzenta. O carpete da sala de jantar era irritantemente impoluto. Nem uma mínima sujeirinha sequer se dispunha a pousar sobre o latifúndio verde musgo que se estendia pela propriedade da avó. O tédio dominava cada átomo do seu corpinho. Enquanto as primas e mesmo a sua irmã, mais velhas que ele, achavam motivo de prosa com quem mandava naquilo tudo, a única coisa que o intrigava era o movimento indefectível que, previsivelmente, marcava o ritmo do que não acontecia. Era necessário, sobretudo necessário, voltar à realidade.

Certo do que tinha que ser feito, aproximou-se decidido e, sem olhar em volta, libertou o tempo. Aquele relógio não o marcaria mais, nem o seu pêndulo continuaria a desafiá-lo. Missão cumprida. Aguentou imperturbável a diatribe silenciosa da avó. Inicialmente, sem transparecer a vontade de matar a criança, ela pouco disse. Limitou-se a desfechar setas certeiras com seu olhar fixo nos olhos dele, recomendando-lhe que não fizesse mais aquilo. Mandou o relógio para o conserto. Uma semana depois, tique-taque, tique-taque, tique-taque.

Na próxima visita arrastada, a constatação: o relógio em pleno funcionamento era uma decepção e lhe implorava para pará-lo. É, ela jamais entenderia a gravidade do momento... O almoço estava servido e a avó, médica nutróloga, fazia questão de todos bem alimentados. Trocando com ele o prato servido pelo vazio, empurra-lhe, entre a carne, o feijão e os legumes, o arroz com repolho. Ele a despreza e avisa que não gosta de arroz com repolho. Ela decreta, inapelável:

- Você gosta de tudo.

A sala de jantar se esvazia. Deixaram-no sozinho com o pêndulo, sempre o mesmo movimento. Convencido do que tem de fazer, salvar a humanidade, se alivia, aplicando-lhe o sorratheiro golpe mortal. Em poucos minutos, a avó é obrigada a enfrentar novamente a realidade: voltar com a antiguidade para o relojoeiro. Desta vez, já não se preocupa em conter a sua ira pelo pequeno. ‘Você nunca mais faça isto!’, o tom esculpido para reduzi-lo a pó não o abala. Ela precisa entender o que está acontecendo.

Menos tempo do que gostaria sem visitar a casa da velha, ei-lo lá novamente, só para reencontrar o insuportável tique-taque. Desta vez, menos certo, ainda conseguiu reunir coragem para dar um basta àquilo tudo. Mãos à obra e pronto, o relógio estava parado como sempre deveria ter estado. A avó, desta vez, perdeu mesmo a paciência e o ameaçou, com a voz firme:

- A próxima vez que você fizer isso, vou descer até a sua casa e arrancar as quatro rodas do seu carrão azul!

O golpe não pegou em cheio. Seria uma temeridade. Ele não acreditava que ela pudesse fazer isso. O carrão, não! Ela não seria capaz. Era só uma ameaça para ver se ele desistia do projeto de trazer alguma vida para aquela casa. Mas era ela que tinha de desistir do conserto do relógio, era o pêndulo que tinha que estancar para nunca mais marcar o compasso de espera pelo que nunca vai acontecer. Tinha de voltar ao ataque.

Esperou por algumas visitas como se tudo estivesse na mais perfeita ordem. Até que, num piscar de olhos, mais uma vez pôs fim ao que parecia interminável. A avó não teve dúvidas, com uma exclamação, passou a mão na bolsa e, dirigindo-se decidida para a porta sob o olhar apavorado do pequeno, anunciou:

- Eu vou quebrar o seu carrão!

Ele sentiu na pele a urgência do momento e, plenamente convencido de que ela teria a coragem de cumprir a promessa, segurou-a pela mão e lhe revelou o seu olhar mais sincero e arrependido, suplicando:

- Por favor, o meu carrão não, não quebra o meu carrão!

E ela, soltando uma sonora e carinhosíssima gargalhada de felicidade por ter enfim desvendado um enigma, acolheu-o com os braços abertos, tranquilizando-o:

- Você acha que eu ia quebrar o seu carrão?

O pêndulo nunca mais parou de balançar.